

## Suplemento / Avante!

Ano 51 - Série VII  
N.º 438  
27 de Maio de 1982  
Suplemento N.º 4  
Não pode ser vendido  
separadamente

### QUEM GANHA COM A GUERRA?



## Os negociantes da morte

(Págs. 8/9)



### MUNDIAL de FUTEBOL

Não vamos lá  
mas ele  
vem cá

(Págs. 10/11)

## 6.ª Conferência

# Com a Reforma Agrária desenvolver a agricultura defender a democracia

Nos próximos sábado e domingo, no Rossio de S. Brás, em Évora, vai realizar-se a 6.ª Conferência da Reforma Agrária. Estarão presentes 2500 delegados, 1000 convidados nacionais e diversas delegações estrangeiras.

No domingo, às 15 horas, haverá um comício seguido de desfile pelas ruas de Évora. Os milhares de visitantes que são aguardados na cidade terão à sua disposição espectáculos, exposições e outras actividades paralelas.

(Pág. 6)



Ontem, em conferência da Imprensa, foi revelado o que se vai passar em Évora

## FESTA do Avante!/82

Á



Festa do Avante! 82

Kings (Cabo Verde)



## FESTA do Avante!/82



Baden Powell (Brasil)



Odetta (EUA)



Rão Kyao (Portugal)

Manu Dibango (Camarões)



## FESTA do Avante!/82



Natalia Chapochnikova



Maria Filatova



Bogdan Makutz



**Separata**  
de quatro páginas  
sobre o Festival  
de Música Negra  
e a presença  
de grandes nomes  
da ginástica soviética  
no Alto da Ajuda

**GINASTICA**

Campeões olímpicos  
e do mundo  
estarão na Ajuda

## Final nacional do Movimento dos Festivais da Canção Juvenil



SFUAP  
ALMADA  
29 MAIO 21h

(Pág. 5)



Álvaro Cunhal esteve sábado passado junto ao Bairro da Boavista, perto de Benfica, participando numa sessão integrada numa jornada de convívio em que participaram muitos comunistas e outros democratas

(Pág. 4)

# SEMANA

19 Quarta-feira

Um comunicado do executivo do sector da Saúde do Porto do PCP afirma que a suspensão pelo Governo «AD» de «todos os processos eleitorais para os conselhos de gerência e órgãos de direcção dos hospitais é o primeiro passo de uma manobra que visa liquidar a gestão democrática dos hospitais»

Os trabalhadores da Fábrica de Louça de Sacavém entram na empresa, pondo fim ao «lock-out» imposto pela administração desde a passada segunda-feira; segundo um porta-voz da USL os trabalhadores entraram pacificamente, exercendo um direito de resistência à ilegalidade cometida pela administração com conivência do Ministério do Trabalho (MT); reunidos em plenário, os trabalhadores decidiram manter-se em greve enquanto não forem pagos os salários de Abril e discutido o memorando das suas reivindicações

O presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, confere posse em Bissau ao primeiro-ministro Vitor Saúde Maria e a todos os ministros nomeados na passada segunda-feira

O presidente francês, François Mitterrand, afirma a propósito da Grã-Bretanha e da CEE: «o problema que hoje se coloca não é o da maioria ou da unanimidade no Conselho de Ministros da Comunidade Europeia, mas sim a questão de se saber o papel que a Grã-Bretanha deseja desempenhar e, finalmente, segundo a resposta que esta questão obtiver, o da presença ou da natureza da presença da Grã-Bretanha na Comunidade»

20 Quinta-feira

Na Assembleia da República a maioria «AD» rejeita uma proposta da UEDS, apoiada pela oposição, para a constituição de uma comissão parlamentar de inquérito aos acontecimentos no 1.º de Maio no Porto

As estruturas sindicais dos trabalhadores da Petroquímica anunciam em conferência de Imprensa que a greve que actualmente decorre poderá ser prolongada através de pré-avisos sucessivos, até que o conselho de gerência e o Governo abandonem a sua intransigência nas negociações do ACT

Segundo a Anop, entram em vigor as novas taxas de juro para o sector da Habitação, que aumentaram em média dois pontos percentuais

O «Jornal de Angola» noticia que a aviação racista sul-africana voltou a realizar bombardeamentos com «napalm» no sul de Angola

Rádio Moscovo acusa o governo dos EUA de querer ganhar tempo para colocar na Europa os seus mísseis nucleares de médio alcance, recorrendo para isso ao bloqueio das conversações de Genebra.

21 Sexta-feira

Terminou a greve dos trabalhadores da Petroquímica após acordo conseguido entre as estruturas sindicais e o conselho de gerência da empresa sobre um aumento salarial de 25,3%, no âmbito da revisão do acordo colectivo de trabalho

A lista B «Por um Sindicato Activo, Defender os Professores na Escola e na Vida» anuncia a disposição de impugnar, nos prazos e nos termos regulamentares, as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Professores da Zona Norte, ontem realizadas e ganhas pela lista A, afecta à actual direcção; a decisão surge na sequência da constante denúncia de diversas irregularidades detectadas pela lista B no processo eleitoral e nunca desmentidas

O ministro britânico da Defesa, John Nott, confirma em comunicado divulgado em Londres que «cinco navios da Royal Navy foram atingidos, dois dos quais seriamente» enquanto assegurava que as forças britânicas estabeleceram «uma firme testa de ponte nas ilhas Malvinas».

22 Sábado

Termina de madrugada uma reunião da Comissão Política do PS, que mandataria os deputados do partido na Comissão de Revisão Constitucional para aprovarem o texto final a que chegou a referida Comissão, pretendendo igualmente que a discussão da revisão passe o mais rapidamente possível para o plenário da Assembleia da República

O Estado-Maior argentino divulga um comunicado onde se afirma que a situação sob controlo das forças argentinas; em Londres insiste-se em que as tropas britânicas de assalto estabeleceram «uma importante testa de ponte no porto de San Carlos»

Remodelação no governo romeno, com a nomeação de um novo primeiro-ministro e a redução de onze para sete vice-primeiros-ministros

Diplomatas soviéticos e japoneses realizam em Tóquio uma reunião de trabalho sobre o desarmamento.

23 Domingo

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, confirma em Abrantes, num encontro informal com os jornalistas, de que não foi informado nem sequer pelo PS do conteúdo do acordo que Mário Soares firmou com a «AD» com vista à revisão constitucional, onde se limitam os poderes presidenciais

O Governo Regional da Madeira, presidido por João Jardim, decide comprar o «Diário da Madeira» por 30 000 contos

Eleições para o primeiro parlamento autónomo da Andaluzia, em Espanha; a vitória coube ao PSOE, que conquistou a maioria absoluta, verificando-se uma queda substancial da UCD, a coligação governamental; os 109 lugares ficaram assim distribuídos: PSOE - 66; «Aliança Popular» (direitista) - 17; UCD - 15; PCE - 8 e o PSA - 3.

24 Segunda-feira

É anunciada uma greve de dois dias consecutivos a partir da próxima quarta-feira na frota da Rodoviária Nacional, pela actualização dos salários e revisão do ACT

O presidente do Senado italiano, Amintore Fanfani, inicia em Vilar Formoso uma estadia de três dias no nosso país

A explosão de um automóvel arremalhado no interior dos jardins da Embaixada francesa em Beirute causa 14 mortos e 15 feridos; o atentado ainda não foi reivindicado, mas parece destinado a agravar as relações entre a França e alguns países árabes, nomeadamente com a Síria

Rádio Teerão anuncia a retomada da cidade de Khuninchar, ocupada pelo Iraque desde o início da guerra, há 20 meses.

25 Terça-feira

Os trabalhadores da fábrica de Louça de Sacavém reiteram a sua disposição de prosseguir a luta contra as ilegalidades cometidas pela administração da empresa

O governo marroquino liberta os três pescadores portugueses apressados nas costas do país no passado dia 12

A Argentina anuncia a destruição de dois aviões e uma fragata britânica, enquanto o governo britânico fala da consolidação das posições já conquistadas nas Malvinas.

## Editorial

# DEMITIR A «AD» – SANEAR O PAÍS

A «AD» está podre — é um facto incontroverso que toda a gente constata.

Apodrece tudo o que toca, é um foco infeccioso que contamina toda a vida nacional.

Correr com a «AD» do Poder, impedi-la de arrastar o País para o abismo, criar urgentemente condições para uma alternativa válida à sua política de desastre nacional são autênticas medidas de «saneamento básico» que se colocam na ordem do dia para a sobrevivência de Portugal independente e democrático.

A vontade política da imensa maioria do Povo português de correr com a «AD» cresce e manifesta-se abertamente em poderosas acções de massas. No seio da própria coligação reaccionária governante multiplicam-se as defecções, a sua base de apoio reduz-se cada dia que passa.

Sim, o fenómeno do apodrecimento da «AD», do seu Governo, da sua política é incontroverso, mas nos centros de decisão constitucionalmente capacitados para intervir é a indecisão que prevalece; em certos círculos da oposição com influência política nas decisões — concretamente da parte do PS/Mário Soares — desenvolvem-se fórmulas de transacção e de cumplicidade com a «AD» em absoluto inadmissíveis.

O apodrecimento da «AD» no Poder ameaça os próprios fundamentos do 25 de Abril. Pôr-lhe fim é um imperativo nacional.

Entretanto, a «AD» não cairá como uma maçã bichada da árvore do Poder. É preciso fazê-la cair antes que seja tarde.

A incapacidade, a incompetência, a inoperância funcional do Governo «AD»/Balsemão/Freitas do Amaral como órgão de soberania, que deveria estar mas não está ao serviço do País, entregue à sua dinâmica de destruição da democracia, é um caminho para o radicalismo fascista.

Inúmeros sintomas e factos mostram com meridiana clareza que o fascismo se reactiva e reorganiza em Portugal, com velhos e novos expoentes, com novas formas adaptadas às condições políticas do País de Abril, com métodos que são apenas novíssimas edições de velhas fórmulas do passado.

Há um reagrupamento evidente das forças reaccionárias sobre os destroços da governação «AD» cujo sentido fascista é incontroverso. Elementos da extrema-direita alojados nas formações políticas da área do Poder e nas agências do capital financeiro e do imperialismo em Portugal, avaliando levemente uma correlação de forças que lhes é desfavorável, reúnem-se, reestruturam-se, preparam o salto para o restabelecimento de uma nova ditadura onde sossobriariam as liberdades e as conquistas fundamentais do 25 de Abril.

A nível do Poder os elementos mais comprometidos reorganizam o aparelho repressivo nos moldes do passado; ministros, cujas ligações aos grupos de pressão económica e financeira são conhecidas, legislam, reorganizam o aparelho de Estado com vistas ao restabelecimento do poder económico e político do grande capital associado ao imperialismo e dos latifundiários, põem em prática medidas económicas e financeiras tendentes a incrementar a acumulação capitalista e a agravar o peso da crise sobre os trabalhadores e as classes e camadas médias da população.

São actos e medidas que obedecem a um plano subversivo maduramente pensado que Balsemão não está manifes-

tamente em condições de conduzir ao nível da chefia do Governo e da própria «AD».

É significativo que da parte dos sectores mais reaccionários da direita e da extrema-direita a luta contra um Balsemão Incompetente e Incapaz de timonar a barca arrombada da «AD» tenha agora passado a uma fase aberta e pública.

A reacção quer desembaraçar-se do inepto Balsemão mas está temerosa dos perigos de perder o controlo da máquina do Governo e do poder legislativo indispensáveis à viabilização do seu plano subversivo contra o regime democrático.

Um dos mais activos propagandistas da reacção fascista — o membro do PSD «analista» da folha de Vera Lagoa, José Miguel Júdice — escrevia significativamente na sua «Carta Aberta a Balsemão», publicada no vespertino de cabotinos ultra-reaccionários «A Tarde» (agora remodelado sob a direcção de Cunha Rego para uma nova arrancada do fascismo em Portugal) estas esclarecedoras palavras:

«A fraqueza política de V. Ex.ª (Balsemão) — «Indiscutível fraqueza» — não tem força (perca as ilusões que ainda possa) para dirigir o País até 1984; o País precisa de novo Primeiro-Ministro, não precisa de eleições antecipadas. Faça, na remodelação para que o segundo do Governo venha a ser o seu sucessor».

Noutro jornal fascizante — «O Tempo» — a dupla Carlos Macedo e Pulido Valente, do PSD, atira-se em pleno contra Balsemão sem o nomearem, dizem que «hoje o estado de crise no PSD e na «AD» é evidente», não se mexeu para levar à prática o programa da coligação, tem feito «uma política externa ambígua; não se reduziu nem disciplinou o sector público — o que era constitucionalmente possível — nem a intervenção do Estado na vida civil».

Críticam depois a forma como tem sido orientada e conduzida a guerrilha institucional contra o Presidente da República. Os balsemistas — dizem eles — «atacam Ramalho Eanes mas dão-lhe liberdade de conduzir a sua estratégia de destruição da «AD»; o Governo «não devia declarar guerra ao PR mas isolá-lo politicamente».

As instituições e os objectivos desta acção concertada são evidentes.

É no quadro desta tentativa de arrancada do fascismo em Portugal, que deve ser visto o vergonhoso acordo entre o PS/Mário Soares e a «AD» para a revisão constitucional.

É uma total falta de seriedade que Mário Soares num comício do seu partido, venha afirmar que não há nenhum acordo com a «AD» em matéria de revisão constitucional.

Como pode o secretário-geral do PS ter a lata para negar a existência de um tal acordo que é já publicamente conhecido embora não explicitado no texto que deve subir ao plenário da AR por comunicação pública dos negociadores do PS?

Alterações de fundo susceptíveis de modificar o sistema de Poder actualmente existente foram acordadas entre o PS/Mário Soares e a «AD» e o acordo ultimado na cimeira de Maio dos dois agrupamentos é altamente perigoso para a democracia.

A redistribuição das competências que cabem actualmente ao Conselho da Revolução no caso de este órgão de soberania ser extinto; a competência dos poderes e da nomeação das chefias militares actualmente atribuída ao PR; a

diminuição dos poderes civis do PR e as alterações significativas do princípio da dupla responsabilidade do Governo; a formação de um Tribunal Constitucional sem garantias de assegurar a constitucionalidade das leis, são pontos já acordados entre o PS e a «AD» que se forem votados pelo PS na Assembleia da República representarão um profundo golpe e um grave perigo para o regime democrático.

As conhecidas opiniões de Mário Soares sobre a constitucional lei dos limites dos sectores económicos, que a «AD» tentou repetidamente impor ao País, assim como a introdução já acordada entre os negociadores do PS e da «AD» do direito de tendência no movimento sindical — numa clara intenção de dividir o movimento operário e sindical — são outros tantos pontos definidores de um deliberação atentado às liberdades e às conquistas de Abril que é imperioso atalhar.

As forças reaccionárias e os seus estranhos aliados no campo da oposição cometem um grave erro de cálculo nas suas tentativas de subversão e manobras contra o regime democrático. O terreno fuge-lhes debaixo dos pés, é uma causa condenada à derrota.

A batalha da Constituição tornou-se uma batalha pelo regime, todas as formas institucionais para impedir uma revisão que abrisse o caminho à destruição da democracia devem ser mobilizadas. A vitória é possível.

A batalha das instituições trava-se na Assembleia da República e nas ruas, por todos os meios que a legalidade democrática põe ao alcance do Povo português.

O movimento operário, popular e democrático é o mais forte, tornou-se o elemento decisivo das necessárias alterações de fundo na situação do País.

As quatro medidas propostas pelo PCP ao Povo português, as forças democráticas e aos órgãos de soberania não dominados pela «AD» assumem cada vez maior actualidade.

Demitir o Governo «AD»/Balsemão/Freitas do Amaral; dissolver a Assembleia da República; constituir um governo democrático de gestão idóneo; convocar novas eleições nos prazos constitucionais, são medidas que a situação objectiva e a vontade do povo colocam na ordem do dia.

Os que entram no caminho das transacções com a «AD»; os que tendem a diminuir os perigos reais da hora presente; os que adiam indefinidamente a iniciativa política e institucional para remover a «AD» da área do Poder, estão a prolongar os sofrimentos do Povo português, a levar a água aos moinhos do radicalismo fascista, a facilitar o caminho a soluções não democráticas para a crise actual.

Depois das duas Greves Gerais de Fevereiro e Maio, depois das gigantescas manifestações do 25 de Abril e do 1.º de Maio, depois dos milhares de lutas, greves e acções de vários tipos, no plano local, regional e nacional, vividas e em curso nos últimos tempos, perspectivas muito favoráveis se abrem às grandes iniciativas políticas e institucionais capazes de garantir a defesa e continuidade do regime democrático.

O ano de 1982 é um ano de batalhas eleitorais. Autárquicas e com toda a probabilidade legislativas.

As diferenças de opinião entre os democratas não são antagonismos irreduzíveis; as divergências secundárias não impedem o entendimento, a convergência, a unidade entre as forças democráticas nas questões fundamentais do momento actual.

Avancemos na larga estrada de Abril e nos novos caminhos que Abril abriu. A vitória é certa.

Ao SOS saído de vozes democráticas é preciso responder sim!

## PCP

# Stoyan Mikhailov recebido por Álvaro Cunhal

Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido Comunista Português, recebeu sábado passado, dia 22, Stoyan Mikhailov, Secretário do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro.

Estiveram também presentes Sérgio Vilarigues,

membro da Comissão Política e do Secretariado do PCP e Kiril Kotzaliev, colaborador do CC do PCB.

Este encontro teve lugar no quadro das relações fraternais existentes entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista Búlgaro.

# Evocação de Dimitrov

A Associação Portugal-Bulgária participou nas comemorações do Centenário de Dimitrov com uma sessão comemorativa, realizada segunda-feira no Teatro Aberto.

A sessão foi preenchida por intervenções de Luís Francisco Rebelo, que destacou alguns aspectos jurídicos do julgamento de Leipzig; Margarida Tengarreira, que falou sobre marxismo-leninismo na Bulgária; e Piteira Santos que desenvolveu

o tema — o fascismo visto por Dimitrov.

Numa segunda parte foram lidos poemas búlgaros por Armando Caldas e actuou o Coro do Círculo Scalabitano.

No átrio do Teatro havia uma pequena exposição relativa à efeméride.

Presentes o embaixador da Bulgária em Portugal, a quem foi entregue uma medalha comemorativa cunhada pela Associação, e vários elementos do corpo diplomático.

# Morreu Konstantin Zarádov

Faleceu o camarada Konstantin Zarádov, membro suplente do CC do PCUS, representante deste Partido e Director da Revista Internacional Problemas da Paz e do Socialismo.

Konstantin Zarádov foi vice-director do jornal «Pravda» e distinguiu-se como notável teórico do marxismo-leninismo. As suas obras «O Leninismo e a passagem do capitalismo para o socialismo» e «As vias para o socialismo», traduzidas para português pelas «Edições Avante!», representam uma contribuição positiva para o aprofundamento da teoria marxista-leninista.

O «Avante!» endereça à Redacção da Revista Internacional sentidas condolências.

# Delegação do PCP contacta Poder Local na URSS

Esteve na União Soviética de 12 a 18 do corrente uma delegação de estudo do PCP sobre Autarquias, com o objectivo de conhecer aspectos de natureza institucional e administrativa do aparelho de Estado Regional e Local e suas relações com o Aparelho Central na URSS.

Chefiava a delegação o camarada José Casanova, membro suplente da Comissão Política do CC do PCP e integravam-na os camaradas José Vieira, membro suplente do CC do PCP e presidente da Câmara Municipal de Almada, Abílio Fernandes e António Ganhão, respectivamente presidentes das Câmaras Muni-

cipais de Évora e Benavente.

A delegação do Partido — que foi recebida com inextinguível simpatia e alvo de atenções que importa sublinhar — teve oportunidade de tomar conhecimento sobre a forma como o Poder Local soviético é eleito, como funciona, quais as suas atribuições e competências, de que meios financeiros (e outros) dispõe, onde vêm esses meios, que interligação existe entre os diversos órgãos de Poder Local e a sua ligação ao Poder Central, etc.

O programa foi intenso, preenchido com sessões de trabalho, visitas e encontros muito

centrados na cidade de Voronez (a 500 quilómetros de Moscovo), tendo os nossos camaradas tido oportunidade de conhecer o funcionamento de todas as estruturas desde o Soviète Supremo até aos soviets de bairro e rurais, passando pelos soviets distrital e de cidade (neste caso de Voronez).

Houve ainda um contacto com o soviete da cidade de Moscovo.

Neste rápido balanço da visita da delegação do PCP à URSS interessa ainda referir o encontro com o primeiro secretário do Partido em Voronez, camarada V. Ignatov, reuniões de trabalho

no Conselho de Ministros da Federação Russa (uma das Repúblicas da URSS) e no respectivo Ministério da Habitação. Estas reuniões (assim como todos os encontros que deram corpo à visita) resultaram muito frutuosas e corresponderam em absoluto aos objectivos previstos.

A delegação do PCP informaria naturalmente os camaradas soviéticos sobre a situação geral que se vive no nosso país, com particular incidência sobre as questões do Poder Local — a influência, a capacidade, o trabalho, os sucessos e as dificuldades dos comunistas nesta frente de trabalho.

# Encontros da APU

## Encontro de activistas de Vila Franca de Xira

No sábado será a vez dos eleitos e activistas da APU do concelho de Vila Franca de Xira, que se reúnem a partir das 15 horas, no Centro de Pessoal da Mague em Alverca, para fazer o balanço do trabalho realizado e discutir as próximas eleições autárquicas.

No Encontro participará o camarada José Casanova, membro da Comissão Política do CC do PCP e da Comissão Nacional da APU.

## Encontro concelhio em Vila Nova de Gaia

Para traçar as principais orientações de trabalho da APU nas próximas eleições e dos grandes objectivos por que se baterá em Vila Nova de Gaia, activistas e eleitos do Concelho reúnem-se no próximo domingo, às 15 horas, no Liceu Nacional de VN de Gaia.

**NENHUM HOMEM É ESTRANGEIRO**

Worker Nenhum homem é estrangeiro

**Avante!**

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Seixo Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 769725/769722.

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa. Tel. 779828/779825/769751.

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa. Tel. 372238.

Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto. Tel. 693908.

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Seixo Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 769725/769722.

Centro Distribuidor de Coimbra: Rua 1.º de Maio, 186, Pedreira - 3000 Coimbra Tel. 31286.

Delegação do Sul: Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora. Tel. 26361.

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro. Tel. 24417.

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 779828.

PUBLICIDADE CENTRAL: Av. Santos Dumont, 63 A - 1000 Lisboa. Tel. 776936/776750. Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto. Tel. 381067.

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora. Tel. 900044.

Composto e Impresso na Heka Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora.

Depósito legal n.º 205 82

Tiragem média do mês de Abril: 54812

Assembleia da República

Um projecto arrojado: direitos fundamentais também para os membros das forças policiais

Passada a tempestade — que não revelou completamente ainda os estragos causados nas fileiras da «AD» —, agora parece que toda a gente teria aprovado o projecto de amnistia que deputados de todos os partidos menos do PCP tinham apresentado na Assembleia. Entrevista aqui, entrevista ali, mais conversa de corredor, e afinal todos teriam votado a favor. Até o ministro Lucas Pires, o mais cultural da «AD», confessou que, se fosse deputado... O facto é que não é. E só três dos subscretores do PSD é que aguentaram com a palavra dada: Sousa Tavares, Helena Roseta e Natália Correia. Nenhum destes deputados pôs os pés no hemiciclo já na terça-feira passada. Nuno Rodrigues dos Santos lá estava, cabisbaixo, ao que parece já sem pertencer aos órgãos directivos do seu partido. Amândio e Amélia de Azevedo abandonaram a sala com Moura Guedes quando foi da votação.

Mas a votação não deu os resultados esperados, conseguindo a «AD» manter a sua de dizer não ao projecto de amnistia. Aliás a votação transcendeu o projecto. O que já estava em causa no momento era a «AD» e o seu Governo que, constava, ameaçava demitir-se se o projecto passasse. As posições contraditórias reveladas no seio da maioria revelam que alguns deputados não temem — e até desejam talvez — a queda do Executivo. Entretanto, o PS, que antes se mostrara um apoiante do projecto não teve nas suas bancadas a totalidade dos deputados no momento da votação. Uma vintena de socialistas não estavam na sala. Quanto ao PCP, que não manifestara qualquer apoio ao diploma em questão, votou favoravelmente, juntando-se à oposição, apesar de se distinguir politicamente do caso que dera origem ao projecto. José Manuel Mendes, aliás, acentuaria as razões humanitárias dessa tomada de posição.

Pedidas ratificações

Foi, pois, no rescaldo deste caso, que deixou a «AD» mais frouxa ainda, que anteriormente, a sessão reabriu com uma curta agenda onde avultava a importância da apresentação do projecto de lei do PCP sobre a garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos que prestam serviço nas forças policiais.

Antes da Ordem do Dia, porém, duas outras intervenções marcarão a posição dos comunistas quanto a iniciativas governamentais. Isto depois de duas declarações políticas — uma do deputado do PSD, Duarte Chagas, que veio falar novamente da agricultura e a fazer perguntas ao Governo, de que não recebe nunca respostas. O deputado, que no dizer de César Oliveira, da UEDS, «parece que quase tirou uma assinatura para fazer declarações políticas», falou desta vez da «reorganização e revitalização da agricultura» e de novo pôs ao Governo questões incómodas. Outra das declarações políticas foi a de Tomé, da UDP, que vol-

tou a aludir ao «caso PRP» pretendendo dele tirar a conclusão da fascização do regime.

O deputado comunista Sousa Marques, que na passada semana falara da gravidade das medidas governamentais que integram o chamado «pacote» de decretos da Função Pública, interveio desta vez recordando que o grupo parlamentar do PCP requerera em 8 de Janeiro passado a ratificação do Decreto-Lei 352/81 que define o Estatuto da Ordem dos Engenheiros, diploma que acusou de inconstitucionalidade e sublinhando a necessidade de a ratificação solicitada pelos comunistas vir a ser agendada sem demora.

Uma razão fundamental determinou a nossa iniciativa — afirmou Sousa Marques. — A obrigatoriedade de inscrição na Ordem dos Engenheiros para uso do título e exercício da profissão está ferida de clara inconstitucionalidade e contrapõe-se não apenas aos direitos e interesses dos profissionais de engenharia mas ainda às posições assumidas e reafirmadas por outras associações, nomeadamente as organizações sindicais.

O camarada Vidigal Amaro, por seu lado anunciou o pedido de ratificação do Decreto-Lei 204/82 que «retira para 31 de Março de 1983 a data de entrada em vigor» das medidas de um anterior diploma, o DL 43/82 de 3 de Fevereiro passado, o qual constituía, como afirmou o deputado do PCP uma das duas únicas medidas que os deficientes conseguiram conquistar na sequência da ampla campanha de opinião que travaram durante o Ano Internacional do Deficiente.

Este diploma visava, recordemo-lo, a célebre «supressão de barreiras arquitectónicas» por que se batem os deficientes portugueses. E Vidigal Amaro classificou deste modo o protelação das medidas então anunciadas pelo Governo:

Trata-se de mais um engenho de flagrante desrespeito pela Lei e pela Constituição. Os interesses das grandes construtoras, das grandes

empresas de construção, de certos empreiteiros, sobrepõem-se assim às justas reivindicações de um estrato dos mais desfavorecidos da população portuguesa.

Crispações

Nenhum pedido de esclarecimento sublinhou a intervenção do camarada Lino Lima, do PCP, que apresentou o projecto comunista sobre a garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos que prestam serviço nas forças policiais. Só os aplausos dos seus camaradas de bancada, a que se juntaram os do MDP e da UEDS. O resto foi silêncio.

É um projecto arrojado — afirmou Lino Lima —, cujo anúncio terá provocado e provocará ainda crisações em algumas pessoas e em alguns sectores. O que só prova, digamo-lo desde já, que tais pessoas e sectores não entenderam ainda a Democracia desde há oito anos instaurada em Portugal, nem entenderam também a Constituição da República e os direitos dos cidadãos que nela se consagram. Mais: isso prova que essas pessoas e esses sectores têm dificuldade em compatibilizar os seus esquemas mentais, a sua vivência e a sua prática diárias com um regime de direito que, por definição, é antagónico do Estado policial que nos dominou e nos condicionou mentalmente durante quase meio século. Lembremos isto para afirmar com ênfase que não desejávamos nada que este projecto do PCP fosse tido por arrojado e que menos desejávamos ainda provocar crisações em alguém (...)

Este projecto do PCP — disse mais adiante Lino Lima — é destinado a abrir um novo campo de dignidade democrática aos cidadãos que prestam serviço nas forças policiais. É que não basta que a Constituição declare que «os órgãos e os agentes administrativos estão subordinados à Constituição» e a lei... e que «os funcionários e agentes do Estado e das demais entidades públicas não podem ser prejudicados ou beneficiados em virtude do exercício de qualquer direitos políticos previstos na Constituição» (...)

Ora, a tal respeito, a constatação a fazer é que os preceitos constitucionais não foram ainda dinamizados nesses estatutos pelo legislador (o deputado referia-se aos estatutos profissionais dos policiais e, mais adiante, recordou as pressões daqueles em organizar uma associação profissional).

Trabalhadores

Cai de novo o tecto «AD»

O tecto salarial ruíu mais uma vez. Dois períodos de paralisação, o último de 3 dias, forçaram o Governo a ceder na Petroquímica. Muito para além dos 17 por cento «aconselhados» pela «AD», a unidade e a forte adesão à luta sindical acabaram também nessa empresa pública com as veleidades de impor aumentos salariais incompatíveis com o custo de vida. Conseguiram-se mais de 25 por cento. Enquanto a Rodoviária Nacional anunciava por sua vez novo período de greve que deve ter terminado esta madrugada contra o tecto salarial, na função pública continuava a vigorar um aumento de 11 por cento que desde o princípio do ano já deve ter desaparecido na voragem dos preços.

Impostos pelo Governo «AD», através do Ministério da Reforma Administrativa, eram entretanto publicados os 7 decretos-leis que constituem o famigerado pacote legislativo chamado pelo PCP à ratificação da Assembleia da República.

Essa e outras diligências são exigidas pelos trabalhadores. Não apenas pelos directamente interessados, que são como se sabe os da função pública, mas por todos os que têm sempre a perder quando a algum é recusado o exercício de um direito, o gozo de uma regalia, a prática de uma lei.

Sindicatos e trabalhadores da função pública mantêm assim os seus protestos e as suas reivindicações. O pacote legislativo, também chamado dos excedentes, é recusado. Os Sindicatos querem pelo menos discutir o aumento de 11 por cento impostos sem negociação (e quem renegociar nova tabela ainda este ano) também não aceitam quaisquer outras limitações ao direito de negociação. E com maior razão o direito de analisar, debater e propor em matéria tão importante como é qualquer medida legal so-

bre regulamentação colectiva de trabalho.

Assim, mais de 300 mil trabalhadores da função pública, que este Governo quer ver senão marginalizados pelo menos quietos, têm oposto alguma força organizada às arbitrariedades «AD». Para marginalização já chega aquela a que foram submetidos durante o fascismo.

Na Rodoviária Nacional, para além das ameaças deste Governo contra o sector público em bloco, há também novos salariais a defender contra a tentativa dos 15 ou dos 17 por cento. A mobilização ligada à luta pelos salários não deixa porém de lado a defesa das nacionalizações e dos postos de trabalho.

É o emprego que também está em causa na função pública. É ver o que se passa actualmente com o Fundo de Fomento de Habitação (FFH) onde ainda



Contra o lock-out em Sacavém

antes de ser publicado já fora posto em prática o decreto dos excedentes.

Organizados no Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública, os cerca de 800 trabalhadores do Fundo têm acionado todos os meios de luta, movimentação e protesto ao seu alcance para salvar os postos de trabalho e evitar o desemprego.

Ao mesmo tempo exercem os seus direitos no interesse nacional tentando evitar que o Estado, através de um Executivo para o qual a Constituição deixou de ser há muito a Lei Fundamental do País, se veja obrigado a fazer tábua rasa das funções

sociais que lhe cabem como Estado, não só no FFH como no Fundo de Fomento de Exportação e em outros ministérios que a «AD» pretende «reestruturar» beneficiando, de um modo ou de outro, aquilo a que chama a «iniciativa privada».

A braços com uma instabilidade crescente nas suas próprias hostes o Governo gostaria de poder impor pacatamente o seu tecto salarial e a sua legislação contra as organizações dos trabalhadores e contra os seus direitos constitucionais.

Mas a verdade é que as ilusões «AD» sobre o «fra-

casso» das greves gerais parecem não terem ajudado sequer a sua clientela mais segura.

Entre patronato e gestores, entre CIP e CCP parece não reinar propriamente um clima de confiança nas promessas e na actividade do Governo.

A agremiação dos grandes patrões do comércio (CCP) deu-se mesmo ao cuidado de promover um congresso para exigir novas leis revisoras de tudo o que ainda serve de defesa aos trabalhadores organizados. E em primeiro lugar a lei da greve. De resto, a CIP já tinha, e por várias vezes, feito o mesmo.

Assim, como o tecto salarial, por mais que tente a «AD», não se segura, o Governo deixa desencadear as greves para depois autorizar as empresas a pagar mais ou menos o que antes propunham os Sindicatos.

Como algumas leis (sindical, CT's, da greve, etc.) ainda se mantêm, no seu articulado inicial, o patronato mais atinado nos seus sentimentos «ultra» continua a optar pelas legalidades. Na prática não faz menos do que seguir o exemplo do Governo na função pública com o pacote legislativo e chega até ao lock-out, completamente ilegal como se sabe (Fábrica de Loíça de Sacavém e arrasto costeiro).

O patronato e os gestores «AD», como hoje não podem chamar a PIDE para lhes resolver os problemas «laborais», (e ainda não é exactamente a mesma coisa chamar outras polícias) sentem-se tão abandonados que, tentando substituir-se às leis vigentes e ao regime democrático, começam a manobrar cada vez mais por sua conta e risco criando situações de greve confronto a coberto de um Governo que vai perdendo diariamente o pouco que lhe resta da legitimidade para governar e até de capacidade orgânica para defender qualquer interesse imediato do País.

Sumário das lutas

- Petroquímica — Acordo após vários dias de greve. Furado novamente o tecto salarial com 25,3 por cento. Cerca de 600 trabalhadores abrangidos pelo acordo colectivo de trabalho. Há 14 meses que não era revisto. Governo e gestores deram sucessivas provas de intransigência durante um mês de negociações. Sindicatos acabaram por responder com a greve.
• Fábrica de Loíça de Sacavém — Lock-out de 2 dias. Trabalhadores impõem a reabertura da fábrica. É afastado um administrador. Em causa postos de trabalho e o futuro da empresa. Luta contra a repressão e pelo pagamento de salários em atraso.
• Vidreira da Fontela — Anteriormente ao fim do dia continuava a paralisação desta empresa próxima da Figueira da Foz. Em greve desde as 13 horas de 24 do corrente a grande maioria dos trabalhadores luta por salários, em atraso desde 15 de Março findo, e pelos postos de trabalho. A administração que se considerou sequestrada nas instalações da fábrica obrigou a diligências do deputado do PCP pelo distrito, João Abrantes, e de dirigentes locais do Partido no sentido de evitar uma

eventual intervenção policial considerada sem justificação, apesar do pedido feito nesse sentido pelos administradores.

- Fundo de Fomento da Habitação — Prosseguiu com uma concentração em 24 do corrente a luta contra a extinção deste departamento governamental. Os trabalhadores organizados na Função Pública têm recorrido a paralisações.
• Cometa — Terminou na sexta-feira, 21, uma greve pela negociação do caderno reivindicativo.
• STCP (Transportes Colectivos do Porto) — Anunciada uma paralisação de 24 horas para amanhã. Apoio às negociações de novos salários. Reivindicados aumentos de 20 por cento para 12 meses.
• INATEL — Semana de luta iniciada na última segunda-feira. Vários objectivos de ordem laboral. Destaque para a regulamentação do trabalho, designadamente horários e promoções.
• Rodoviária Nacional (RN) — Prevista uma paralisação de 48 horas para 25 do corrente. Reivindicados aumentos salariais de 27 por cento. A administração contrapõe 15.
• Arrasto costeiro — Após 11 dias de greve um lock-out afectava um terço da frota nacional na quarta-feira da semana passada. Plenários foram anunciados a fim de analisar novas formas de luta. Intransigência patronal face à negociação do contrato colectivo de trabalho.
• Mardouro — Ambiente repressivo denunciado pelo Sindicato dos Metalúrgicos do Porto. O patrão promete pagar mais 100 por cento pelas horas de plenário aos trabalhadores que não participarem neles.
• Arsenal do Alfeite — Comissão de Trabalhadores alerta a opinião pública contra a degradação dos estaleiros e mostra-se disposta a defender os postos de trabalho, os direitos e liberdades na empresa.
• ANOP — Paralisação de duas horas por turno entre terça e quarta-feira da semana passada pelo cumprimento da contratação colectiva recentemente assinada. Forma de luta suspensa depois de obtidas garantias da parte do conselho de gerência, nomeadamente quanto ao pagamento integral dos retroactivos.
• TAP — Tabelas salariais em vigor sem alteração há 17 meses. Situação de conflito prolongado. Paralisações. Anunciada uma concentração. Segundo as organizações sindicais representativas o Governo pretende agravar essa situação. Ministro dos Transportes desafiado para um debate público sobre a empresa.
• Indústria de fotografia — Revisão do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV). Patronato propõe aumentos de 16 por cento.
• Portos — Greve na quinta e sexta-feira da semana passada. O Sindicato acusa os gestores do Porto de Lisboa (AGPL) de limitarem o direito à greve e de pretenderem impor normas inaceitáveis de transferência de pessoal e de prestação de serviço extraordinário. Recusado trabalho extraordinário a partir de segunda-feira, dia 24. Greves nacionais previstas entre 7 e 9 de Junho próximo.
• C. da Silva — Greve contra perseguições da nova administração espanhola que criou ambiente repressivo na empresa.

Um Governo com medo dos inquéritos

Uma vez mais: a «AD» não quer inquéritos. Não quer quaisquer inquéritos que possam de algum modo pôr em causa a sua actuação, a do seu Governo, a do aparelho que domina. Começa sempre por dar algumas razões, ainda que atabalhoadas, agarrando-se muitas vezes a esquemas, a regulamentos e até a razões «morais». Quando todos estes expedientes lhe falham, a «AD» assume: não quer inquéritos. Tem a maioria suficiente para rejeitá-los. Isso lhe basta.

Mais uma vez aconteceu na Assembleia da República a recusa de um pedido de inquérito. Era para apreciar os actos do Corpo de Polícia de Intervenção do PSP no Porto. A UEDS solicitara a constituição de uma Comissão Eventual de Inquérito. Mas a «AD», cujo ministro Ângelo Correia se encontrava presente e sem vontade alguma de falar, recusou. De novo a oposição votou em bloco, contra os votos da coligação do direita.

Primeiro, pela voz de Sousa Tavares, a «AD» afirmou que votaria contra o pedido de inquérito porque um outro, solicitado pelo Governo à Procuradoria Geral da República, estava em curso. Em suma, era feio que o órgão de soberania que é a Assembleia tomasse uma iniciativa com o mesmo âmbito — embora se não soubesse sequer do âmbito que revestia o que a Procuradoria Geral levava a cabo.

Depois, quando a UEDS requereu que o seu pedido de inquérito ficasse em suspenso até que o da Procuradoria findasse, fazendo assim desaparecer as razões adiantadas pelo PSD, Sousa Tavares, perplexo, pediu dez minutos de intervalo. A perplexidade durou pouco e os «socialistas-democratas» mostraram o jogo todo, votando desfavoravelmente o requerimento da UEDS e votando a seguir contra o inquérito que aquele partido solicitara.

Ângelo Correia, «que lamentavelmente ainda continua a ser ministro da Administração Interna», como disse o deputado comunista Lino Lima, não falou durante quase toda a sessão, limitando-se a fumar nervosamente e, no fim, a responder a uma questão que lhe dirigiu Jorge Sampaio: confirmou o que muita gente já esperava, que tinha sido ele próprio — um dos implicados morais nas violências registadas no Porto — a pedir um inquérito...

O protesto de uma cidade

Embora o pedido de inquérito

tiras e calúnias para encobrir os factos.

Ora é preciso — sublinhou mais adiante — que nos interroguemos sobre as razões que levaram a desencadear uma tão selvagem operação terrorista. É preciso que nos perguntemos sobre quais os motivos que levaram a mandar a Polícia de Intervenção de Lisboa para encabeçar esta operação punitiva no Porto. É uma primeira resposta é dada por vários testemunhos que referem terem ouvido alguns agentes policiais a gritar que era preciso acabar com os «malditos comunistas». Mas a história demonstra que quando se quer acabar com os «malditos comunistas» se quer depois também acabar com os «malditos socialistas» e depois com os outros «malditos democratas». Quando se quer acabar com os «malditos comunistas» o que se quer é acabar com a democracia, o que se quer é a ditadura. E é isto que certas forças políticas e sociais desejam. E é isto o que está por detrás da organização, recrutamento, preparação e treino de corpos policiais como a Polícia de Intervenção de Lisboa.

Adiantando que o PCP daria os seus votos favoráveis à solicitação do inquérito, disse Lino Lima:

Daremos esses votos favoráveis apesar de, em nosso entender, a atitude que se impunha desde já era a da dissolução do Corpo de Intervenção da PSP e, por isso, o Partido Comunista Português a tem reclamado e continuará a reclamar (...). Mas não fazemos dos seus agentes os únicos culpados do que se tem passado com a sua actuação nomeadamente no Porto. Para nós — disse ainda o deputado do PCP — se é certo que a responsabilidade individual dos agentes do Corpo de Intervenção ou de qualquer outra polícia está evidentemente em causa, o que maximamente é questionável é a responsabilidade dos seus comandos e do Governo, que têm desencadado a besta negra da repressão gratuita e terrorista.



A luta abrange vários sectores



Informação sindical

- Sai o número 3 de «Informação». Boletim do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgica e Metalomecânica do Sul. Primeira página: «Greve Geral/Adesões ao nível de 12 de Fevereiro».
• Federação da Função Pública divulga comunicado recebido em 20 do corrente, acusando o Governo de desrespeitar mais uma vez o direito à negociação colectiva ao publicar no «Diário da República» o conjunto de diplomas (7) para aquele sector (ver outras referências nesta página).
• A Federação da Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa distribui a «Informação» número 1 (12/5/82): especifica as posições (sindical e patronal) sobre as matérias da revisão contratual.
• «O Médico e o Sindicato». Sai o número 2 (Abril de 1982) com 20 páginas. Do sumário: «Comentários Críticos ao Projecto de Carreiras Médicas»; «A Greve de 23/4/82»; «A Luta dos Policlínicos»; «Conferência Sindical Mundial sobre as Transnacionais (multinacionais) Farmacéuticas».
• O Sitava (Sindicato dos Trabalhadores de Aviação e Aeroportos) divulga tomadas de posição da «estrutura sindical da TAP-EP» reunida em 18 do corrente; prevê o «desenvolvimento das formas de luta».
• CNT (Comissão Nacional de Trabalhadores) da UBP (União de Bancos Portugueses) divulga «Escândalo Afonso Pinto de Magalhães». Pedido entretanto «inquérito parlamentar sobre a actuação do Governo e de outras entidades públicas» no caso. Pinto de Magalhães, segundo o pedido de inquérito, (6/5/82), «entende-se reintegrado da parte substancial do poder económico que detinha durante o regime fascista e o Estado ficou sem meios suficientes de garantir as vultuosas

responsabilidades que impedem sobre aquele ex-banqueiro»: 2 322 184 000 escudos, em 1976, segundo a Comissão de Trabalhadores da União de Bancos Portugueses.

• Os organismos representativos dos trabalhadores (ORTs) da Siderurgia Nacional emitem um comunicado de solidariedade para com os 6 trabalhadores suspensos ilegalmente pela administração da Centrel. Consideram esse acto «ilegal, repressivo e revanchista», contrário à Lei da Greve, à Lei das CTs e Sindical. Os ORTs da SN exigem a «imediate reintegração» dos suspensos e «exortam todos os trabalhadores da Centrel a lutarem com firmeza e determinação pela reposição da legalidade» na empresa.



Documentos Políticos do Partido Comunista Português AVANÇO E DERRÓTA DO PLANO SUBVERSIVO "AD" 1980 DISCURSOS POLÍTICOS DE ATÍVARO CUNHAL 12 VOLUMES

V.I. LENINE Pequena Biografia Um esboço biográfico das principais etapas da vida do génio da Revolução. edições Avante!

PCP

# Zona da Serra de Coimbra

No próximo dia 5 de Junho, às 18 horas, decorrerá no Centro de Trabalho Vitória um encontro de camaradas do Partido e da JCP, naturais dos concelhos de Miranda do Corvo, Lousã, Penacova, Poiares, Gois, Pampilhosa da Serra, Arganil, Tábua e Oliveira do Hospital, que residem presentemente na área da Grande Lisboa.

Este encontro tem em vista um debate sobre as eleições autárquicas e a ajuda que eventualmente possam dar aqueles concelhos, particularmente nas suas freguesias.



## 2ª ASSEMBLEIA DE ORGANIZAÇÃO da célula do pcp nos tlp

**Assembleia dos TLP**  
No próximo sábado, dia 29, vai realizar-se a 2.ª Assembleia da Célula dos Trabalhadores comunistas dos TLP. A sessão decorrerá no Centro de Trabalho de Alfama, em Lisboa, a partir das 10 horas.

## Cooperativas de produção

Amanhã, sexta-feira, decorrerá no CT Vitória uma importante reunião de camaradas das células das cooperativas de produção da região de Lisboa. O encontro começa às 20 horas. Não faltes!

## Encontro-debate no CT Vitória

• A mulher intelectual e a ligação à classe operária

A mulher intelectual e a ligação à classe operária, o trabalho nas tipografias clandestinas do Partido e a figura de Maria Machado - estes os principais temas do encontro-debate que se realiza hoje, a partir das 21 e 30, no CT Vitória, em Lisboa.

A iniciativa, que surge no âmbito da 1.ª Assembleia da Organização do Sector Intelectual, contará com a participação dos camaradas Dias Lourenço, da Comissão Política do Comité Central do Partido e director do "Avante!", e Joaquim Campino.

## Camaradas da Indústria Farmacêutica

No próximo dia 4 de Junho realiza-se no Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, uma reunião destinada a todos os camaradas das células da Indústria Farmacêutica, nas zonas do Comité Local de Lisboa (CLL). A reunião inicia-se às 20 e 30, com os seguintes pontos em agenda: situação sindical do sector e contratação colectiva.

## Iniciativa nas Caldas da Rainha

A Comissão Concelhia do PCP de Caldas da Rainha organiza no próximo dia 6 de Junho, na Mata Rainha D. Leonor, um mercado e festa, com venda de produtos da Reforma Agrária. Haverá canto livre, e algumas surpresas...

## Vala do Carregado

Amanhã, sexta-feira, realiza-se um plenário de militantes comunistas na Vala do Carregado/Castanheira. Os trabalhos têm início previsto para as 21 horas, no barracão do Machado. Análise da situação política e Festa do "Avante!" constituem os dois pontos agendados para o importante plenário.

## Assembleia da célula do MIEE

Realizou-se no passado sábado, dia 22, no Centro de Trabalho de Alfama, a 1.ª Assembleia da Célula do Ministério da Indústria, Energia e Exportação (MIEE), do Sector da Função Pública da ORL do nosso Partido que teve uma boa participação de presentes.

Este acontecimento que decorre da Assembleia do Sector da Função Pública realizada o ano passado, debruçou-se fundamentalmente sobre as seguintes questões gerais: balanço da estrutura organizativa; trabalho de direcção; fundos; informação e propaganda; comissões de trabalhadores; frente de trabalho sindical; caracterização do Ministério como órgão do aparelho de Estado e análise das políticas do sector seguidas pelos diferentes governos após o 25 de Abril.

A análise e debate dos assuntos agendados decorreu com a abertura e a fraternidade habitual nas reuniões do nosso Partido, tendo-se notado um ainda maior empenhamento dos comunistas do Ministério no prosseguimento da luta contra as forças reaccionárias instaladas nos órgãos de Poder e na defesa dos interesses dos trabalhadores.

Da resolução política conclusiva dos trabalhos resultará um mais correcto equacionamento dos problemas a resolver no futuro próximo, bem como das deficiências a ultrapassar.

A Assembleia terminou os trabalhos com a eleição da nova Direcção da Organização do Ministério (DOM), após o que o camarada Carlos Carvalhal fez uma intervenção sobre a actual situação política, conclusões da última reunião do Comité Central.

Os objectivos do aumento numérico dos efectivos do Partido no concelho de Palmela são acompanhados da preocupação

de trazer ao Partido quem interessa vir ao PCP. Trata-se, pois, dum recrutamento orientado, de modo a ingressarem nas fileiras do Partido os trabalhadores e democratas mais combativos e dedicados à causa do progresso e do socialismo.

É o caso recente de 5 mulheres do Pinhal Novo (uma das 4 freguesias do concelho) que aderiram ao Partido na 2.ª Assembleia de Organização da Freguesia e que há muito ajudavam o Partido, participavam em reuniões e Assembleias mas que ainda se não tinham inscrito.

Uma delas, em plena Assembleia, pediu a palavra para dizer que tinha chegado o momento e que não eram somente os companheiros, que as mulheres têm que ajudar também o Partido,

# Álvaro Cunhal com os habitantes do Bairro da Boavista (Lisboa)

• As «coisas más» e as «coisas boas» da situação política portuguesa

Na Mata de Monsanto, junto ao Bairro da Boavista, um dos poucos espaços verdes de que esta Lisboa tanto carece, realizou-se um animado "piquenique" no passado sábado, organizado pela 5.ª zona do CLL, que compreende as freguesias de Benfica, Carnide e S. Domingos de Benfica. A iniciativa reuniu várias centenas de pessoas, que ouviram o Secretário Geral do PCP Álvaro Cunhal, sobre o actual momento político.

No local destinado ao convívio funcionaram duas bancas, música, um bar e numa grande fogueira assaram-se belas sardinhas.

Ao chegar, o camarada Álvaro Cunhal foi vivamente aclamado, e em breves conversas com os presentes tomou conhecimento directo de algumas preocupações da gente deste bairro.

O Bairro da Boavista foi sempre, mesmo durante o fascismo, um local vivo de acção do Partido. Sempre ali funcionou

uma célula, e ali encontraram apoio camaradas e velhos resistentes antifascistas.

Da parte da tarde, num palco improvisado em cima de uma camioneta, realizou-se um comício. Na mesa: os camaradas Pilar, responsável pela organização no Bairro; Feliciano, da JCP; Álvaro Cunhal, o camarada Rodrigues e mais dois camaradas do Comité Local de Lisboa.

Depois da saudação lida pela camarada Pilar, o jovem Feliciano

no nas suas breves palavras, salientou "que o colectivo da JCP da Boavista trabalha há pouco tempo e já tem várias iniciativas realizadas, nomeadamente no 25 de Abril que pela primeira vez se comemorou no Bairro".

A camarada Pilar voltaria a intervir para fazer um apelo à participação nos trabalhos preparatórios e de implantação da Festa do "Avante!" e à venda da EP.

Seguiu-se o camarada Álvaro Cunhal que, falando de improviso, começou por desejar um futuro melhor aos habitantes do Bairro, "aos comunistas, a todos os outros, que não sendo comunistas vivem neste Bairro e desejam tal como nós um futuro melhor".

Resposta pronta de "unidade", "unidade", palavra de ordem firmemente entoada pelos presentes. O camarada Álvaro Cunhal retomaria a tónica da unidade e, referindo-se à direcção do PS, afirmou que se o dr. Mário Soares recusa a unidade com o PCP há muitos trabalhadores do seu partido que a desejam.

Depois de enumerar alguns problemas do bairro, Álvaro Cunhal sublinharia: "Na luta para obter essas reivindicações, naturalmente que não se pode estar a fazer a separação dos que são de um partido ou os que são de outro. O que é necessário é que se unam todos para alcançar esses objectivos. Assim também quanto aos objectivos maiores que se põem ao nosso País!"



Confraternização e camaradagem

Mais adiante, na sua intervenção em que abordou "coisas boas" e "coisas más" da situação política portuguesa, Álvaro Cunhal, referindo-se a estas, afirmou que a primeira coisa má é o Governo, o Governo e a maioria 'AD' na Assembleia da República.

Sublinhou os perigos da revisão constitucional, a tentativa de controlo das Forças Armadas pela 'AD', a manobra para retirar poderes ao PF em matéria de demissão do Governo, etc...

A demissão do Governo, e não apenas de Balsemão, "mas também do Freitas, do Ângelo, de toda a 'AD'", é um dos quatro objectivos do Partido. Os outros três são, nomeadamente, a dissolução da Assembleia da República, a formação de um go-

verno que dê garantias de eleições democráticas, e a realização dessas eleições no prazo constitucional de 90 dias.

Uma outra coisa má é a televisão; e com alguma ironia disse que o melhor é "ouvir o que eles estão a dizer e pensar que o contrário é que é verdade".

Quanto a "coisas boas"...

A primeira é a CGTP-Intersindical. "É boa, é grande, é forte e faz frente ao patronato reaccionário e ao Governo". A classe operária, sublinhou, "é muito boa, é forte, unida, luta, tem coragem".

Neste ano muito importante para o movimento operário, que no espaço de três meses organizou duas greves gerais (a última tentativa de greve tinha acontecido há 48 anos - o histó-

rico 18 de Janeiro, na Marinha Grande), o movimento operário afirmou notável resistência à ofensiva da direita e do patronato, que têm como aliado principal o Governo. As greves deram muita confiança e desenvolveram a luta - acrescentou Álvaro Cunhal.

A grandiosa jornada do 1.º de Maio, com destaque para a população do Porto, foi resposta à vaga de repressão lançada pelo Governo, diria mais adiante.

E outra "coisa boa" é o Partido Comunista Português, o partido da classe operária, dos trabalhadores.

O diálogo estabeleceu-se, vivo, espontâneo, e ficou claro para todos os que ali estiveram presentes que a luta continua, e que a "AD" há-de ir mesmo para a rua.



## A campanha dos 5 mil

A campanha de recrutamento (5 mil novos militantes) prossegue até ao próximo mês de Junho, a nível nacional

alargar o Partido reforçar a democracia  
**Campanha de Recrutamento**  
Março a Junho - 1982  
PCP

«(...) As organizações do Partido têm de ter em conta a evolução que se vai dando. Os membros do Partido têm um papel muito importante nesta ajuda diária ao esclarecimento dos que trabalham ou vivem perto de si. Compreende-se que não é com posições sectárias, que não é com apreciações definitivas sobre os que nos rodeiam que poderemos contribuir, constantemente, para a sua evolução positiva.

Há pois que acompanhar muito bem as modificações que se vão dando nas pessoas como produto, antes de mais, das acções de massas, das lutas dos trabalhadores e das outras camadas laboriosas. Há que acompanhar muito bem as condições objectivas existentes para um largo recrutamento para o Partido e para ganhar muitos mais simpatisantes.

Ao mesmo tempo tem que se ir conhecendo sempre cada vez melhor a organização, as suas possibilidades e também as suas deficiências. É preciso continuar a cuidar dos camaradas que estão desligados, é preciso saber ganhar novos camaradas para uma actividade mais regular e responsável, é preciso aprofundar a estruturação de modo a tornar a organização mais eficaz, é preciso elevar o nível de direcção dos organismos do Partido, é preciso dedicar à formação dos quadros uma atenção maior dado o carácter decisivo deste aspecto do trabalho orgânico». (in «O Militante», n.º 83, Maio de 1982)

Quadro da Campanha publicado na última edição de «O Militante». Estão indicados os resultados dos meses de Março e Abril, podendo fazer-se uma comparação evolutiva. Como salienta «O Militante», interessa referir o facto de em várias das organizações ter diminuído o número de recrutamentos em relação a Março, de haver seis organizações regionais que não atingiram os 50% e de ser muito reduzido o número de recrutamentos na Organização Regional de Leiria e, em seguida, nas Organizações Regionais do Algarve e de Santarém.

Em muitos lados - conclui o texto - afirma-se que a necessidade de resolver muitas questões relacionadas, em Abril, com as comemorações que tiveram lugar, não permitiu tratar convenientemente da campanha de recrutamento. É, na verdade, preciso não separar as questões de organização dos problemas colocados pela actividade do Partido. É preciso ligar constantemente umas e outras, porque as questões organizativas dependem da actividade e a acção do Partido depende da organização. Só na medida em que se vão resolvendo as deficiências organizativas se consegue elevar o nível de actividade e é na medida em que esta se realiza que se pode desenvolver a organização. E, por isso, indispensável aproveitar as muitas acções que estão tendo lugar para, exactamente, de acordo com as possibilidades que elas abrem, elevarmos o recrutamento, levarmos à prática a campanha.

### CAMPANHA DE RECRUTAMENTO

«Mais de 5 mil novos camaradas até ao fim Junho!»

Organização Regional ou de Região Autónoma	Quota correspondente para a meta geral	Recrut. no mês de Março	Recrut. no mês de Abril	Total de Março e Abril	% em relação à quota
Minho	300	81	57	138	46,0
Trás-os-Montes	150	45	36	81	54,0
Porto	750	306	275	581	78,8
Beira Litoral	350	101	89	190	54,3
Beira Interior	150	50	27	77	51,3
Leiria	200	16	8	24	12,0
Santarém	300	48	51	99	33,0
Lisboa	1200	205	314	519	43,3
Setúbal	750	209	231	440	58,7
Alentejo	550	108	141	249	45,2
Algarve	200	23	41	64	32,0
Açores	50	18	41	59	118,0
Madeira	50	19	15	34	68,0
TOTAL	5000	1229	1326	2555	51,1

## Em Palmela, um êxito!

Avança em bom ritmo a campanha do recrutamento no concelho de Palmela (distrito de Setúbal).

De um total de 25 novos militantes a trazer ao Partido durante a campanha de recrutamento (que decorre até Junho) a organização concelhia já recrutou 30 camaradas, o que equivale a 120% da sua meta.

Convém relembrar e tal como o «Avante!» já tinha anteriormente noticiado, a organização concelhia de Palmela tenta cumprir uma das resoluções da sua recente 2.ª Assembleia de Organização que é a de atingir os 1000 membros durante o ano de 1982.

Os objectivos do aumento numérico dos efectivos do Partido no concelho de Palmela são acompanhados da preocupação

de trazer ao Partido quem interessa vir ao PCP. Trata-se, pois, dum recrutamento orientado, de modo a ingressarem nas fileiras do Partido os trabalhadores e democratas mais combativos e dedicados à causa do progresso e do socialismo.

É o caso recente de 5 mulheres do Pinhal Novo (uma das 4 freguesias do concelho) que aderiram ao Partido na 2.ª Assembleia de Organização da Freguesia e que há muito ajudavam o Partido, participavam em reuniões e Assembleias mas que ainda se não tinham inscrito.

Uma delas, em plena Assembleia, pediu a palavra para dizer que tinha chegado o momento e que não eram somente os companheiros, que as mulheres têm que ajudar também o Partido,

que as mulheres têm que participar também na vida do Partido.

### Plenário de fundos

Realizou-se no passado sábado um plenário concelhio de fundos, no Centro de Trabalho do Partido em Palmela, que contou com a presença do camarada José Teodósio, da DORS e membro do Comité Central.

No plenário foram abordadas diversas questões ligadas à necessidade do desenvolvimento do trabalho de fundos no concelho, particularmente da cobrança das quotizações, realização de iniciativas e organização da frente de fundos.

## Plenário da Distrital de Beja

No passado dia 15 realizou-se um plenário da Comissão Distrital de Beja do PCP para analisar a situação do distrito, e em particular os resultados da Greve Geral do dia 11.

A adesão global superior a 90% confirma a clara vontade e determinação dos trabalhadores em lutar pela demissão do Governo AD - concluiu o plenário.

O êxito da greve foi tanto maior quanto se considerarem as difíceis condições em que se verificou a sua mobilização. Mas, nem a manipulação dos meios de comunicação social pela "AD" nem as manobras provo-

catórias da UGT, as atitudes de arrouço dos amigos do sr. Cortez ou as declarações antigreve de dirigentes socialistas e do presidente da Associação dos Comerciantes de Beja se revelaram suficientes para parar, dividir ou diminuir o poderoso movimento de massas em curso.

O plenário analisou particularmente a grave situação vivida na Reforma Agrária, que a "AD" tenta destruir totalmente pondo em concurso público as terras que continuam em posse útil das UCPS/Cooperativas. É neste quadro que se vai realizar no próximo fim-de-semana a 6.ª Conferência da Reforma Agrária.

Foram ainda analisados problemas da vida interna do Partido, designadamente a situação financeira, a campanha de recrutamento e o funcionamento da organização.

Foi ainda feito o ponto da situação do trabalho para as próximas eleições autárquicas, concluindo-se que há avanços positivos, mas que continuam a verificar-se alguns atrasos no que diz respeito ao preenchimento das listas provisórias. O plenário concluiu a necessidade de toda a organização se debruçar sobre as conclusões do Encontro Distrital de Abril de 82.

## Autarquias locais da cidade de Lisboa — encontro promovido pelo CLL do PCP

Realizou-se no passado dia 21 de Maio de 1982, no Centro de Trabalho Vitória do PCP, uma importante reunião na qual participaram os responsáveis pela frente de trabalho das Autarquias Locais da Cidade de Lisboa. Esta reunião foi promovida pelo Comité Local de Lisboa do Partido Comunista Português e contou ainda com a presença de eleitos dos órgãos de freguesia e Municipais, além de membros do CLL e de Martins Coelho, do Comité Central do PCP.

Nesta reunião foram debatidos vários aspectos relativos à situação actual nos órgãos do Poder Local, e à preparação das eleições autárquicas.

Num breve balanço realizado no que respeita à actuação de outras forças verifica-se a existência de múltiplas ilegalidades no funcionamento dos órgãos geridos pela "AD", casos das Freguesias da Pena, Santos-O-Velho, Penha de França, Fátima, etc., com um estilo profundamente centralizador e de desrespeito pelas decisões dos órgãos deliberativos. Por outro lado verifica-se também, como é o caso do Lumiar, a retenção de cerca de 600 contos que deviam ser aplicados num plano aprovado pela A. Freguesia.

Em perfeita consonância com a gestão "AD" no Município de Lisboa, a grande maioria das juntas "AD" mais pareciam juntas do 24 de Abril actuando somente para passarem atestados ou tornando-se agências de propaganda demagógica e eleitoral, não realizando nada em favor das populações, e bem pelo contrário, prejudicando-as.

Contrastando com toda esta situação, a actuação dos eleitos da APU, quer nas Freguesias de presidência APU, onde o estilo de trabalho, realizações e método de actuação estão profundamente ligados às legítimas aspirações das populações

(veja-se o exemplo das Freguesias da Ajuda, Charneca, etc.) quer na Freguesia onde estamos em minoria onde o nosso trabalho se caracteriza pela dedicação, espírito de criatividade e de combate à gestão reaccionária da Câmara "AD", dá-nos confiança para acreditarmos que a "AD" é uma força em decadência, e sem prestígio no povo da cidade de Lisboa. É cada vez mais claro para a população da cidade de que

a APU é de facto a alternativa democrática à gestão nunos, incompetente, demagógica e corrupta da "AD".

Apesar de todas as batalhas políticas a que fomos chamados a intervir como forma de exigir a demissão do governo reaccionário da "AD", o trabalho de preparação eleitoral está a decorrer normalmente, verificando-se atrasos pontuais.

No conjunto das 53 freguesias estão prontas listas em mais de metade, verificando-se ao mesmo tempo um grande espírito e dinâmica unitária.

No decorrer dos trabalhos desta reunião foram referidos vários objectivos eleitorais para as freguesias da cidade, o que nos permite concluir que Lisboa terá uma gestão democrática, honesta, eficaz e competente.

**LIVRARIA**  
do Centro de Trabalho  
**VITÓRIA**  
no n.º 170 da Av. da Liberdade  
em Lisboa Tel. 526188  
**LIVROS DISCOS**  
**BRINQUEDOS**

À venda  
**O Militante**  
BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

# FESTA do Avante! /82

**Á**frica é um grande e generoso coração de música. Um coração que pulsa ao ritmo da luta, do ritual e da festa, que completa os ciclos da chuva, do vento e do fogo, o calendário das colheitas, os ritos da fertilidade, da paz e da guerra.

De África, com o ouro, o ferro e os diamantes, as potências coloniais trouxeram o grito magoado dos escravos. Um grito que, como alguém já disse, «é uma fala em vias de se tornar canto». Um canto que é revolta, alegria, anúncio de alvoradas libertadoras.

Com o grito veio a cadência poderosa dos tambores, a linguagem do corpo fundindo som e gesto, decretando o poder encantatório da dança.

A música africana renovou o diálogo do ritmo com a melodia e a harmonia. E o ritmo, mais do que simples parcela do tecido musical, converteu-se em acto de comunicação, em discurso capaz de substituir a própria linguagem escrita.

Para a Europa e para as Américas, o escravo negro vindo de África, do Senegal ao Bojador, trouxe na sua bagagem de desespero e revolta as canções de trabalho, as cadências rituais, os cantos de despertar e embalar, as danças de guerra e de caça.

Tratados como animais, humilhados, dizimados, proibidos de usar a sua própria cultura, os escravos negros fizeram do canto, da dança e do grito o cimento vigoroso do combate pela liberdade. E assim nasceu o «blue», o «spiritual», o «jazz», o samba do morro, a conga.

Para o negro a música sempre foi parcela essencial da vida. Nunca deixou de a ter presente no seu quotidiano, nos instantes maiores da gesta colectiva.

A música está no ar que o africano respira. Acompanha-o do nascimento à morte, num incessante ciclo que é igual ao destino da terra e da água. O ciclo da vida.

O negro canta no intervalo das notas ou em torno delas. Desafia a lógica secreta da música. Liberta-se ao fazê-la, ao cantá-la, ao dançá-la.

O ritmo dos tambores, a melodia estranha das marimbas fundiu-se com o som das bandas, das filarmónicas, das cordas e das teclas europeias, das orquestras. O branco europeu e americano habituou-se a sentir África e a força dos seus povos na música que os acompanhou na escravidão e na revolta.

Interminável é hoje a profundidade das raízes que esta música libertadora e total mergulha nos nossos hábitos, no nosso gosto, na nossa cultura. Também nos podemos rever no jazz, nos blues, nas mornas, nas coladeras, no samba, no merengue, na marrabenta. Um pouco por toda a parte ficou o rasto sensível desta música, desta cultura.

A definição dos parâmetros de nossa identidade cultural no País de Abril passa pelo inventário rigoroso do que é intercâmbio, herança, passagem de testemunho histórico e vivencial. Também por essa via se reforça a solidariedade e o internacionalismo.

A música negra não conheceu fronteiras porque também a fraternidade dos povos as não conhece, as não comporta.

Estamos hoje, em Portugal, numa posição privilegiada para apurar os rumos múltiplos e fascinantes em que esta música se desdobrou, se multiplicou. Uma parte dela vive em nós. Na parte que em nós é África, é Brasil, é Américas, fraternidade lançando antigas e eternos pontos. Que é, em suma, futuro.



# GI NÁ S TICA

Campeões olímpicos  
e do mundo  
estarão na Ajuda



Festa do  Avante! 82

## Kings (Cabo Verde)



Cabo Verde, pela sua localização geográfica e pelas suas raízes culturais está no epicentro da música negra. Em Cabo Verde cruzam-se todas as tradições e experiências melódicas e rítmicas da grande

música que saiu de África, viajou até à Europa e às Américas, e regressou às origens, enriquecida com novos traços culturais, artísticos e técnicos. Cabo Verde tem as suas formas particulares de expressão musical —

entre as quais a morna e a coladeira. Mas na música que hoje se faz em Cabo Verde, e se ouve em quase todo o mundo, estão também referências do jazz, dos blues, do rock, da soul, do funky, do reggae, recriados de forma

original e incorporados num modo universal de comunicação entre os homens. Os Tubarões — Festa do «Avante!» de 81 — confirmaram a tese, tal como a confirmaram os Kings na Festa do «Avante!» de 82.

## Para a semana Reggae

## Josh White Jr. (EUA)

Josh White — um homem que fez o caminho da música, da vida e da luta lado a lado com Woody Guthrie e Paul Robeson — deixou às gerações actuais o seu exemplo de lutador, a sua música e um continuador da sua obra: Josh White Junior. Josh White Jr. fez a estrada com o pai desde a idade dos quatro anos. Cresceu na América da

intolerância, da violência, do ódio racial. Assumindo por inteiro a herança de dignidade do seu pai, Josh White Jr. é hoje, com a sua voz e a sua guitarra de 12 cordas, um dos nomes mais importantes do folk/blues. Ninguém, como ele, recria hoje clássicos como "House of the rising sun" ou "Saint James

Infirmity". Para além disso, Josh é um consagrado e original criador de canções. Artista da rádio, da televisão e das salas de concerto, Josh apresentou-se no Lincoln Center, no Madison Square Garden, no Festival "Bread and Roses", de São Francisco, nos maiores

auditórios de onze países da Europa, em todos os grandes espectáculos em que se promovem as causas justas e dignas. Com razão se diz que o seu palco é o mundo. Dizem também os especialistas que são únicas e inesquecíveis as suas interpretações de "I've been down so long" e "I shall be released".



## FESTA do



## Baden Powell (Brasil)

Fui criado no morro: Pedregulho, Mangueira, por ali. Vivía lá. Eu morava em São Cristóvão, corria lá para cima e ficava com aqueles moleques, tudo lá no morro. Comecei a tocar violão. E ficava por ali rodando. De vez em quando eu vou lá. E a turma fala comigo do mesmo jeito: — O rapaz o que é que está fazendo por aí? Como é, vai pagar a cerveja? Não tem negócio de Baden Powell. É a mesma coisa, feito aquele moleque que eu era. Acho esse troço bacana à beça. Eles falam da mesma maneira comigo. Mas é porque eu era de lá mesmo, criado lá. Comecei a tocar violão com 8 anos. Com 9 fui a um programa de calouros na Rádio Nacional, tirei o 1.º lugar. Toquei em «showzinhos» de crianças, às vezes tinha um

«cachezinho» de 30 cruzeiros, ganhava e ficava contente. Mas não era profissional. Comecei no profissionalismo quando tinha uns 14 anos de idade, também na Rádio Nacional. Quem me levou pra lá foi O Renato Murce. Eu também era calouro, mas acompanhava calouros, tocava em regional pequeno, e ia fazendo minha vida assim. Como ganhava dinheiro, era mais ou menos profissional, embora estudasse e tudo. Mas já estava com senso de trabalho. Viajei pelo Brasil inteiro fazendo «shows». Naquele tempo havia os artistas de cinema: Renato Murce, que dirigia o «show», Cyl Farney, Eliana, um cómico (que mudava muito), tinha uma pequena que tocava acordeão, um rapaz da rádio que cantava muito bem,

eram uns 5 ou 6. E eu acompanhava esse pessoal pelo Brasil inteiro. Viajei muito tocando em teatros, quer dizer adquiri tarimba de palco, de ver público, fiquei logo à vontade e com 16 anos já estava gravando e fazendo baile. Por isso não senti bem a transformação para o profissionalismo. Eu queria tocar. Tinha certeza que ia ser aquele o meu negócio, não tinha nenhuma dúvida sobre isso não: ia ser violinista. Gostava muito de tocar, estudava, e estava sempre tocando com os outros e assim estou até hoje. É como o sujeito que vai estudando, estudando, até que está formado, e não sentiu. Eu comecei com a música desde o início: tocando de ouvido e estudando muito pouco. Estudava exactamente o suficiente para a técnica: só exercícios. Quando fiz 12

anos, já tinha 4 de violão, comecei a estudar música sério. Estudei uns 2 anos sério, parei e só vim estudar com 18. Depois desse período é que fiquei bom leitor de música. Mais tarde é que vim a conhecer B. Blanco, depois o João Gilberto, o pessoal todo tudo naturalmente. Depois conheci Vinícius, vim compondo, e vim fazendo essas coisas até agora. Praticamente, minha primeira composição foi Samba Triste. E sempre esse tipo de samba, quando componho não penso em negócio moderno, é um troço meio tradicional, não muito bossa nova, não. Se você notar bem, tem um negócio meio afro misturado com morro. Como eu fui criado, como eu vivi.

Baden Powell



## Grupo 5



## Odetta (EUA)

«Na escola, aprendemos a História da América através das batalhas. Eu aprendi sobre os Estados Unidos e sobre o povo norte-americano através da música, através das canções que canto». Quem o diz é Odetta, intérprete de canções de trabalho, blues das prisões, gospel e canções folk. Odetta descobriu a música através dos clássicos e das grandes orquestras dos anos 40, particularmente Jimmie

Lunceford, Duke Ellington e Count Basie, e de cantores como Ella Fitzgerald e Jimmy Rushing. Odetta entrou na vida artística através dos circuitos de teatro e de *shows* de variedades dos negros em Los Angeles. Mais tarde estudou piano e canto, aprendendo a cultivar e a utilizar a voz como um instrumento de concerto. A voz robusta e flexível de Odetta, de timbres macios e de ricas ressonâncias, foi já

caracterizada como tendo «todas as sonoridades e colorações dos órgãos das catedrais».

A carreira de Odetta passa por algumas das mais importantes salas de espectáculos dos Estados Unidos, como o «Tin Angel» de San Francisco, o «Gate of Horn» de Chicago, o «Blue Angel» de Nova York, o «Town Hall» e o «Carnegie Hall», o Festival de Newport. Passa também por

espectáculos de televisão, nomeadamente com Harry Belafonte e Pete Seeger, e pela gravação de discos. A sua elevada qualidade contribuiu para que a folk sobrevivesse designadamente aos anos do rock. No repertório de Odetta contam-se clássicos como «He's got the whole world in His Hand», «The House of the Rising Sun», «Until it's Time for you to go» e «The Sound of the Sea».

## Grupo Moncada (Cuba)

Em Cuba faz-se hoje alguma da melhor música do mundo. Música profundamente enraizada na cultura de um povo que constrói o seu próprio futuro. O público português e designadamente o da Festa do «Avante!» teve

já oportunidade de testemunhar essa qualidade através de actuações de cantores e grupos como Noel Nicola, Sara Gonzalez Carlos Puebla e o grupo «Irakere». Este ano, na Festa, a representação artística cubana estará a cargo do agrupamento «Moncada», constituído por oito excelentes cantores-músicos, que é considerado como uma das expressões mais apuradas e inovadoras da música do seu país. Ligados a um amplo movimento cultural e artístico que tem a sua vanguarda na «Trova Nueva», os «Moncada» têm levado a vários países a palavra fraterna e internacionalista do seu povo e com ela um trabalho artístico da mais elevada qualidade. Fundado depois do triunfo da Revolução Cubana em Janeiro de 1959, o grupo integrou-se a partir de meados da década de 60 no movimento «Trova Nueva» que irradiou por todo o país, contando hoje com a adesão e o trabalho criador de centenas de músicos, cantores e compositores.

Nomes maiores desse movimento são, para além dos «Moncada», Silvio Rodríguez, Pablo Milanés e Sara Gonzalez, entre outros. No seu trabalho, o grupo consegue uma apurada fusão entre a riquíssima música tradicional do seu país e as novas aquisições formais em que assenta a constante evolução da «Trova Nueva». Em Abril e Maio de 1978, o Grupo «Moncada» realizou uma memorável digressão pelos Estados Unidos, actuando para trabalhadores e estudantes e contribuindo para estreitar laços de amizade entre dois povos. Do seu repertório, nessa digressão, fizeram parte autênticos clássicos da música cubana, como «Quando Digo Futuro», de Silvio Rodríguez, «Yolanda», de Pablo Milanés, e «Hasta Siempre», de Carlos Puebla, para além de números da música tradicional. O trabalho vocal e instrumental do Grupo Moncada situa-se hoje na primeira linha da melhor música revolucionária da América Latina.



## Rão Kyao (Portugal)

Rão Kyao (João Ramos Jorge) é um dos músicos cujo trabalho como compositor e intérprete mais tem contribuído para o avanço do «jazz» em Portugal. Saxofonista e flautista de grandes recursos, Rão Kyao estudou a técnica daqueles instrumentos em Portugal e na Índia, tendo trabalhado neste país com nomes de projecção mundial. Antes de se ter consagrado inteiramente ao trabalho a solo, Rão

Kyao foi músico de estúdio, tendo participado nas gravações de alguns dos nomes mais importantes da música portuguesa.

A actuação de Rão Kyao foi um dos momentos altos do Festival de Jazz de Cascais, em 1981, durante o qual gravou ao vivo um disco de grande qualidade.

O seu mais recente trabalho é o LP «Ritual», lançado em Março deste ano.

Acompanhado por músicos indianos e europeus, Rão Kyao mostra nos nove temas que integram este disco os rumos que orientam a sua música, assumida cada vez mais como um espaço de encontro e fusão de linguagens, que vão desde o fado à música tradicional indiana, passando pelo som africano.

A sua música, difícil de catalogar ou de classificar, situa-se já para além do «jazz». É

acima de tudo um modo de estar na arte, estando ao mesmo tempo com os pés bem assentes na cultura portuguesa. Com cinco LPs gravados e uma popularidade crescente em Portugal e noutros países, Rão Kyao trabalha durante parte do ano em Paris, com os seus músicos. Numa entrevista concedida recentemente a «o diário», Rão Kyao afirmava: «para mim música é sobretudo um acto de liberdade».

## Manu Dibango (Camarões)

Manu Dibango é um músico africano. A sua música é uma síntese de todos os ramos distintos da cultura musical negra. Dibango, natural de Bouala, República dos Camarões, viveu e fez música em África, na Europa e nas Américas. Recriando com arte e ofício as harmonias e sonoridades do jazz, do *rhythm n'blues*, da *soul*, do *funky*, do *reggae*, Manu Dibango é um embaixador da cultura africana.

A sua convivência com a música e a cultura chamada ocidental não corrompeu a pureza das raízes. Dibango soube assimilar todas as influências, adaptando-as às origens comuns que, melhor que os músicos europeus ou americanos, está em condições de expressar e recriar com o vigor dos ritmos do seu continente. Manu Dibango expressa-se através do sopro dos saxofones (tenor e soprano) e do clarinete, por meio das marimbas e teclas, como ainda através da sua voz de baixo.

Acompanhado por grandes especialistas das sonoridades e dos ritmos afro-americanos, Manu Dibango gravou discos como «Gone clear», «Soul Makossa» e

«Embassador». Diz-se da sua música que «faz dançar os críticos de jazz». O que é, seguramente, uma boa referência.

Na sua actuação na Festa; Manu Dibango será acompanhado pelo seu actual grupo: duas vozes femininas e bateria (músicos igualmente dos Camarões), percussões e piano (dois músicos da Martinica), guitarra (um congolês) e contra-baixo (um francês).

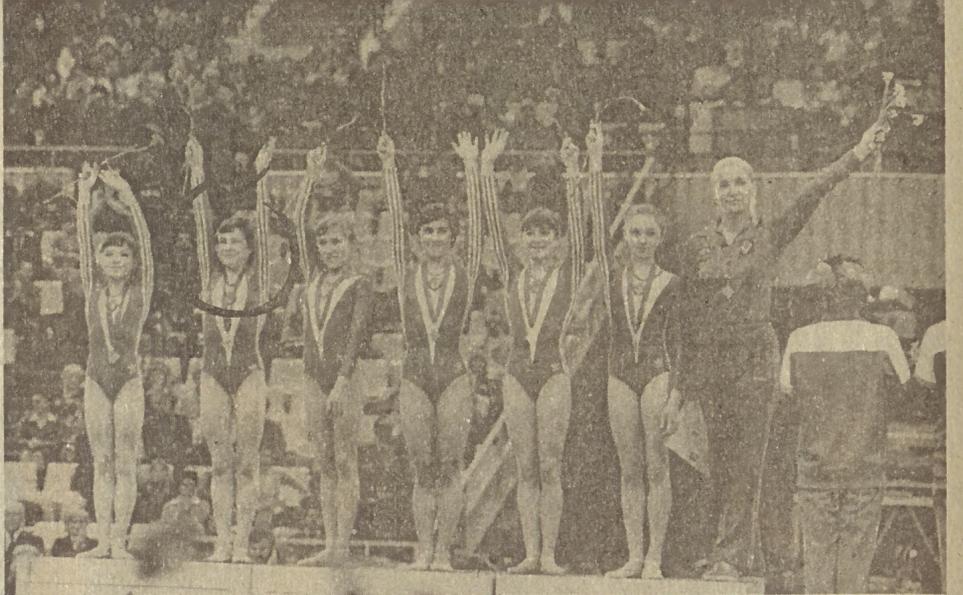




# FESTA do **Avante! / 82**



A equipa masculina da URSS vencedora do último Campeonato do Mundo (da esquerda para a direita): Alexandre Ditiatin, Bogdan Makutz, Alexandre Tkatchev, Artur Akopian, Pavel Sut e Youri Korolev



A equipa feminina da URSS vencedora do último Campeonato do Mundo (da esquerda para a direita): Olga Bicherova, Maria Filatova, Elena Davidova, Siela Zakarova, Elena Polevaia, Natália Ilenko e a treinadora Polina Astakhova

**O** desporto voltará a marcar presença destacada na programação da Festa do "Avante!". Além das finais dos Torneios promovidos a nível nacional (futebol, andebol, xadrez e damas), das múltiplas demonstrações de modalidades variadas (basquetebol feminino, judo, halterofilia, etc.) ou de iniciativas como por exemplo uma exposição ou a venda de materiais, a presença desportiva na Festa deste ano de 1982 integra ginastas da mais alta craveira internacional, oriundos de países socialistas.

Maria Filatova, Natalia Chapochnikova, Bogdan Makutz e Pavel Sut, ginastas soviéticos olímpicos que participaram no último Campeonato do Mundo e que são figuras bem conhecidas de todos quantos acompanham as coisas da ginástica, são alguns dos atletas que em Julho teremos oportunidade de ver em acção no Alto da Ajuda. A delegação desportiva da URSS à Festa do "Avante!" integra ainda o Grande Mestre de xadrez Iuri Averbá (alto dirigente da FIDE) que tem uma pontuação "Elo" de 2 490 pontos; o par campeão da URSS de ginástica acrobática Valeri Liapunov e Serguei Tchijevski; a jovem ginasta Nelli Gaas; e dois treinadores: Lev Goliandrin e Nikolai Miligulo. Chefiará a delegação Anatoli Kantzirev. Além desta delegação soviética, teremos também entre nós representações desportivas da República Democrática Alemã, Checoslováquia e Bulgária, incluindo ginastas de elevado nível técnico e artístico. No caso da Checoslováquia, por exemplo, é de salientar a vinda da equipa feminina campeã deste país, acompanhada por um dos treinadores da selecção nacional. Pela primeira vez presente no programa desportivo da Festa do "Avante!", a Checoslováquia quis fazer representar-se por uma equipa que simbolizará a qualidade, o valor e o desenvolvimento que a ginástica atingiu nesse país socialista.

## Natalia Chapochnikova

Natalia Chapochnikova, já hoje muito conhecida nos meios internacionais, nasceu em 24 de Julho de 1961, em Rostov. Do seu vasto palmarés destacam-se, por exemplo, a conquista em 1977 da Taça da URSS e de algumas medalhas de ouro na

Taça do Mundo (obtendo um brilhante terceiro lugar absoluto) e no Campeonato da Europa; medalha de bronze no Campeonato do Mundo de 1978, onde, com uma perfeição admirável, executou o perigoso «salto Deltchev», que, até

então, só era executado por homens; campeã do Mundo por equipas em 1979; e campeã absoluta das VII Espartaquíadas dos Povos da URSS.

Nas Olimpíadas de 80, na URSS, foi medalha de ouro (salto de cavalo) e obteve ainda medalhas de bronze

(trave e exercícios no solo).

Natalia, ginasta especialmente forte nas paralelas assimétricas e na trave, detém dois exercícios inovadores que só ela consegue executar: o «sol Chapochnikova» e o «avião Chapochnikova».



## Maria Filatova

Maria Filatova conquistou a Taça do Mundo de Ginástica Desportiva em 1979 e foi campeã olímpica nos Jogos de Montreal, realizados em 76, durante os quais a conhecida ginasta apresentou exercícios inovadores. Em 1978 conquistou a medalha de ouro na competição

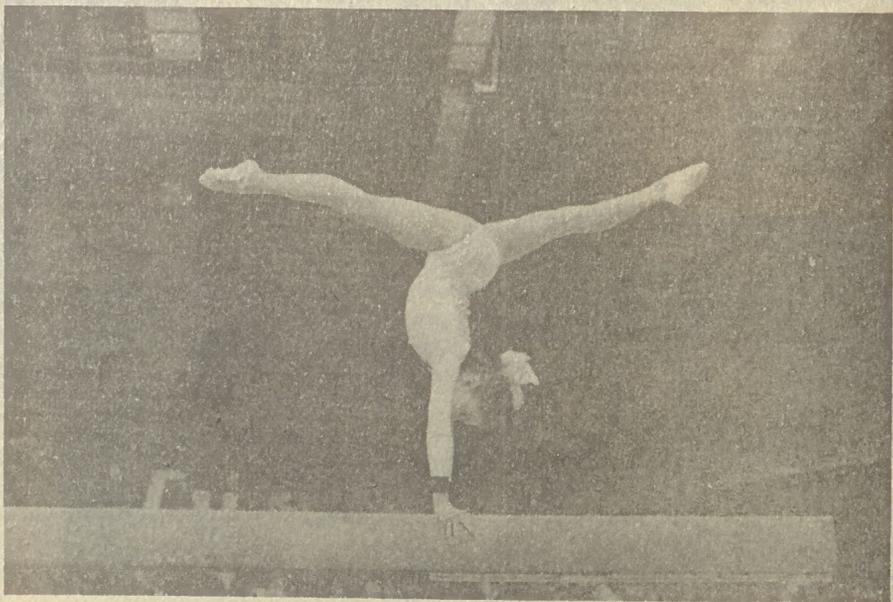
individual da III Taça do Mundo, em S. Paulo (Brasil). Na Olimpíada-80, em Moscovo, Filatova obteve a medalha de bronze nas paralelas assimétricas.

Maria Filatova, «Macha», como é tratada familiarmente, tem 20 anos (desde os 5

de pratica ginástica) e passou a sua infância na cidade siberiana de Leninsk-Kouznetski.

Segundo as suas próprias declarações, muito do que é hoje como ginasta deve-o aos seus treinadores, Galina e Innokenti Mametief. Nos Jogos Olímpicos

de Moscovo, num ciclo cinematográfico consagrado às grandes figuras do desporto oriundas da Sibéria, foi apresentada uma curta-metragem («Orientação - Olímpica») em que se aborda a brilhante carreira da jovem Filatova.



## Bogdan Makutz

Bogdan Makutz fez parte da equipa nacional da URSS que obteve a medalha de ouro na Olimpíada de 1980. No mesmo ano, conquistou a medalha de ouro na X Taça do Mundo, em Toronto. No ano seguinte, integrou a selecção soviética vencedora do Campeonato do Mundo. A equipa olímpica era constituída por Andrianov, Ditiatin, Makutz, Markelo, Azaryan e Tkatchev e a que esteve presente no Mundial de 81 era composta por Ditiatin, Makutz, Tkatchev, Akopian Sut e Korolev. Nesse Campeonato Makutz obteve a medalha de prata, sagrando-se como uma das certezas da nova geração da ginástica soviética.





## Juventude

No próximo sábado, em Almada

# Grande final dos festivais da canção juvenil

Um balanço ainda incompleto: mais de duas dezenas de festivais locais, com mais de uma centena de jovens artistas em palco, aplaudidos por 4500 assistentes

A três dias da grande final nacional, podemos desde já afirmar que a 3.ª edição do Movimento dos Festivais da Canção Juvenil, iniciativa do jornal «Juventude», órgão da JCP, constitui assinalável êxito.

Segundo a comissão organizadora, em depoimento prestado ao «Avante!», «por todo o País o Movimento dos Festivais, adquiriu um grande dinamismo, fruto, por um lado, dos três anos de experiência em que tem vindo a ser organizado, e por outro, da adesão cada vez maior que os jovens têm dado a uma iniciativa deste tipo».

«Os dados falam por si», diz-nos a comissão organizadora: «com uma assistência superior a 4500 pessoas, num total de mais de 100 participantes, com idades na média dos 20 anos, já se realizaram 22 festivais locais, tendo a voz da juventude, «Voz da Paz», chegado a praticamente todo o País. Disso são

exemplo os festivais realizados em Vila Real de Santo António, São Pedro do Sul, Espinho, Torresendo, Beja, Moita, Setúbal, Coimbra, Lisboa e muitos outros realizados em localidades de vários pontos do País, onde a realização destes festivais foi motivo de animação e franco convívio».

«É de salientar que a não realização de alguns festivais nas datas inicialmente previstas se deve ao empenhamento das organizações da JCP no êxito da Greve Geral do dia 11 de Maio. Entretanto, estão já nas ruas e paredes os cartazes que anunciam a final nacional do movimento dos Festivais».

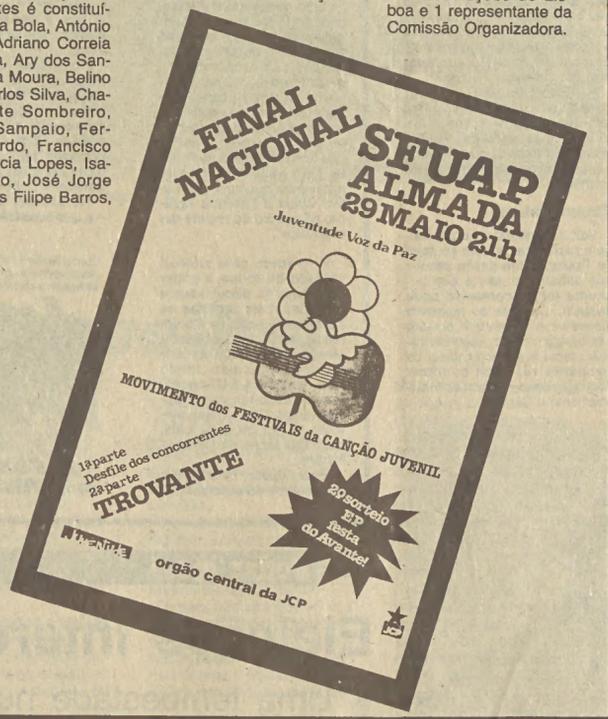
«A final», conclui a Comissão Organizadora, «terá lugar no pavilhão da SFUAP, em Almada, no próximo sábado, 29 de Maio, às 21 horas. Actuarão na primeira parte do espectáculo os dez participantes apurados, estando a segunda parte a cargo do grupo Trovante, o que por certo irá ani-

mar toda a juventude presente».

Recorde-se que o júri que irá avaliar os jovens concorrentes é constituído por: Ana Bola, António Macedo, Adriano Correia de Oliveira, Ary dos Santos, Barata Moura, Belino Costa, Carlos Silva, Chalana, Edite Sombreiro, Ernesto Sampaio, Fernando Tordo, Francisco Viana, Inácia Lopes, Isabel Pinhão, José Jorge Letria, Luís Filipe Barros,

Mário Zambujal, Moreno Pinto, Ruben de Carvalho, Villas Boas, 1 representante da Associação

dos Estudantes da Escola António Arroio, 1 representante da Reunião Inter-Associações de Lisboa e 1 representante da Comissão Organizadora.



## A intervenção da JCP no Congresso do Komsomol

De 18 a 21 deste mês decorreu em Moscovo o XIX Congresso do Komsomol Leninista, organização da juventude comunista da União Soviética. Entre as delegações estrangeiras presentes no Congresso, contava-se a da Juventude Comunista Portuguesa (JCP), constituída pelos camaradas Henrique Neves, membro da Comissão Executiva e do Secretariado da Comissão Central, e Francisco Filipe, da CC e responsável da Secção Internacional.

A intervenção da JCP, lida por Henrique Neves, começava por saudar, em nome da Comissão Central dos jovens comunistas portugueses, «o vosso XIX Congresso, os mais de 40 milhões de komsomolistas nele representados e toda a juventude soviética».

Após uma referência à situação que se vive em Portugal e particularmente às questões que mais afectam a vida da jovem geração portuguesa, Henrique Neves salientou:

«O vosso XIX Congresso realiza-se numa situação internacional cheia de tensões e motivos de preocupação. Na Europa, no Médio Oriente ou na África Austral, na região do Índico ou no Sueste Asiático, na América Latina e nas Caraíbas, o imperialismo procura impor a sua hegemonia em constante ameaça à Paz e à segurança dos povos, não hesitando em originar conflitos e animar guerras que provocam destruições, mortes e incalculáveis sofrimentos para muitos povos.

«No contexto desta política agressiva e de corrida aos armamentos assume particular gravidade a decisão dos EUA e da NATO de instalarem na Europa Ocidental novos mísseis nucleares de médio alcance.

«Para salvaguardar a Paz, assumem particular importância as propostas de Paz do PCUS, reafirmadas e desenvolvidas neste Congresso pelo camarada L. Brejnev, provando uma vez mais, a disponibilidade e o desejo da URSS de iniciar negociações sérias e concretas que visem eliminar os perigos de uma guerra nuclear.

«Nem só os perigos, as ameaças, e as agressões do imperialismo têm marcado a vida dos povos nos últimos tempos.

«Factor determinante da evolução da situação política e social no mundo tem sido nos últimos anos, o desenvolvimento e a consolidação do sistema socialista mundial; as grandes vitórias do movimento de libertação nacional, o crescimento da luta do movimento operário nos países capitalistas.

«Conscientes dos perigos, mas animados por estes grandes êxitos, os jovens de todo o mundo continuarão a lutar pelos Ideais da Liberdade, da Paz, e do Socialismo.

«Saudamos com entusiasmo o apelo aos jovens de todo o mundo aprovado pelo vosso XIX Congresso, e afirmamos que tudo faremos para o levar ao conhecimento da juventude portuguesa. Camaradas:

«Da tribuna deste vosso Congresso é com a maior alegria que vos exprimimos a confiança de que também os jovens comunistas portugueses prosseguirão a luta em defesa da Paz, contra a instalação de novos

mísseis nucleares na Europa, pelo termo da corrida aos armamentos, por uma política de coexistência pacífica no mundo, pela consolidação da democracia e pelo avanço dos ideais do socialismo e comunismo na nossa Pátria.

«Apesar de sermos sujeitos a uma permanente e brutal campanha anticomunista e anti-soviética que pretende que tomemos posições hostis ao socialismo real, e que renunciemos aos nossos princípios internacionalistas, continuamos a distinguir os nossos amigos dos nossos inimigos. Estamos certos de que é o reforço da amizade e solidariedade com a União Soviética, os outros países socialistas e todas as forças revolucionárias do mundo que melhor serve a luta da juventude e do povo português.

«Reafirmando os sentimentos de grande amizade e solidariedade militante que unem as nossas organizações desejamos grandes sucessos na aplicação das importantes decisões deste vosso Congresso na via de construção do comunismo na URSS, fortaleza de paz para a Humanidade e baluarte da amizade e da solidariedade com a juventude e os trabalhadores de todo o mundo.

Viva o Komsomol Leninista!  
Viva o Internacionalismo Proletário!

## 1.º Encontro Distrital de Lisboa da JCP

Realiza-se já no próximo dia 30 de Maio, domingo, a partir das 9 e 30 horas no Pavilhão do Atlético de Moscavide, o 1.º Encontro da Organização Distrital de Lisboa da JCP, subordinado ao lema «Reforçar a JCP, unir a juventude»; do encontro sairá uma resolução de trabalho, um manifesto aos jovens e será eleita a Direcção Distrital.

Durante a preparação do Encontro, realizaram-se Encontros concelhios em quase todos os concelhos do distrito e está a decorrer uma Campanha de Fundos e Recrutamento.

Participa nos trabalhos do Encontro o camarada Octávio Pato da Comissão Política do Comité Central do PCP.

## PCP

## Um «retrato» da situação no Algarve

- Encerramento de empresas, crise na habitação, ensino e sectores económicos, degradação dos serviços de saúde, etc., etc.

Bastaria a simples junção de votos de socialistas, comunistas e seus aliados, em torno de listas comuns, para afastar a AD/PSD da quase totalidade das autarquias que detêm no Algarve — salienta a DORAL do PCP.

A Direcção da Organização Regional do Algarve (DORAL) do PCP, reunida no passado dia 22, na cidade de Faro, após a intensa análise e discussão em torno dos aspectos essenciais da situação regional e nacional, concluiu que «tal como em todo o País, cresce no Algarve o descontentamento dos trabalhadores e da maioria da população, contra os efeitos da política praticada pela AD», e que também no Algarve «milhares de pessoas reclamam a demissão imediata deste Governo». «Esta exigência», diz a DORAL na introdução do importante documento aprovado na reunião e do qual damos em seguida largos extractos, «tem hoje raízes profundas nas mais amplas camadas da população do Algarve, e é bem o reflexo provocado pelo descalabro da situação económica a que a AD tem conduzido o País, é o repúdio pelos atentados às liberdades e direitos dos cidadãos, é a acção justa de quem vê diariamente agravarem-se os problemas do País e da região, sem que se veja da parte deste Governo qualquer medida concreta para lhe fazer face».

«É, para além disso, a consciência dos perigos reais que pesam sobre o regime democrático com a permanência da AD no Governo, perigos agravados pelo conteúdo dos acordos recentemente formalizados pelo PS/M. Soares, com a AD, acerca da Revisão Constitucional».

Encerramento de empresas, crise na habitação, degradação dos serviços de saúde e do ensino, reforço dos sintomas de crise nos sectores económicos da região (agricultura, turismo, indústria de conservas, pesca, etc.) — estes são alguns dos muitos problemas que continuam a marcar a vida da população algarvia nos dias de hoje. Problemas para os quais não se vislumbram soluções e que cada vez mais põem em causa o futuro da região.

A DORAL do PCP, atenta a estas questões, alerta: «A alta constante e acelerada dos preços dos produtos de primeira necessidade, dos trans-

portes, dos combustíveis, num distrito que já de si suporta, sem contrapartidas, o agravamento cíclico das condições de vida produzindo pelo afluxo da população turística, junta-se o desemprego crescente, atingindo particularmente mulheres e jovens, designadamente os que procuram o 1.º emprego, quer porque não se desenvolve a economia da região, quer porque se assiste frequentemente a novos encerramentos de empresas.

«A crise da habitação, que no Algarve atinge aspectos dramáticos, junta-se a degradação acelerada dos serviços de saúde em todo o Distrito, com parti-

cular destaque para o deficientíssimo funcionamento do novo Hospital Distrital, a deterioração do ensino traduzido por elevadíssimas percentagens de insucessos escolares, pelo adiado projecto de funcionamento da Universidade do Algarve, deixando antever uma política fria e deliberadamente executada para dele afastarem os filhos dos trabalhadores».

### Repressão e crise

Sublinha ainda a DORAL do Partido:

«Aumentam os contratos a prazo, generalizam-se as subempregadas, acentua-se a repressão nas empresas, os despedimentos numa linha que visa eliminar a acção sindical, impedir o funcionamento democrático das estruturas dos trabalhadores, eliminar o direito ao trabalho, introduzir a insegurança e a divisão no seio dos trabalhadores, para mais facilmente concretizar níveis de exploração, abolidos com o 25 de Abril.

«Protegido pela acção do Governo o patronato apresenta-se na contratação colectiva com o deliberado objectivo de retirar aos trabalhadores conquistas económicas e sociais conseguidas com o 25 de Abril. Reformados, pensionistas e idosos, com pensões de miséria, sem Centros de Apoio em número e condições desejáveis, com deficientíssima assistência médica e medicamentosa, suportam, com sacrifícios enormes, um fim de vida que se desejava condigna.

«A permanência da AD no Governo torna mais sombrias as perspectivas de resolução dos inúmeros problemas com que se debate o Algarve.

«Tal como os comunistas algarvios têm já assinalado publicamente, «aprofunda-se a crise nos principais sectores económicos da região pesando sobre grande parte deles o espectro de novas falências, encerramento de empresas, ruína, desemprego.

«A actividade produtiva, o desenvolvimento económico da região, dá lugar, em boa medida, a uma actuação especulativa desenfreada de caça rápida ao lucro fácil.

«A corrupção, alimentada quantas vezes pelo próprio aparelho de Estado totalmente dominado pela AD, atinge níveis escandalosos».

### Quebras importantes no turismo

Sectores como, por exemplo, os da construção civil, pescas, conservas e cortiças apresentam forte e acentuada recessão, como aponta a DORAL do PCP, que acrescenta:

«O turismo, contrariando o optimismo de alguns dados oficiais, apresenta quebras importantes, reflectindo a crise com que se debate a economia do mundo capitalista, a elevada perda de poder de compra dos portugueses e a deficiente e especulativa organização com que este sector continua a ser dirigido.

«Sobre os agricultores do litoral volta a pairar a intranquilidade provocada pela carência de água para as suas culturas de regadio. As possibilidades de fomento de novas culturas, são

entrvadas pelo encarecimento do crédito e pelo aumento constante dos factores de produção.

«Os produtores de amêndoa acumulam, de ano para ano a sua produção ou vendem-na a preços de miséria.

«Sobre os pequenos comerciantes e industriais pesam as elevadas taxas de juros e as enormes cargas de impostos, numa atitude deliberada, por parte do Governo, de os levar rapidamente à ruína.

«O Governo ao longo do ano, mais uma vez, não tomou nenhuma medida para resolver o abastecimento público de água daí resultando graves perigos com o aproximar do Verão e o aumento da população turística.

«O desastre económico e financeiro a que a política da AD está a conduzir o País, tem na nossa região reflexos profundos já que o Algarve não teve nos últimos anos um projecto sério, capaz e global de desenvolvimento económico, virado para o aproveitamento das suas riquezas e recursos naturais».

### Os trabalhadores respondem com a luta

Perante a grave situação provocada pela política reaccionária, os trabalhadores do Algarve, à semelhança das outras regiões do País, têm dinamizado a sua luta, com unidade, firmeza e determinação, uma luta que tem mobilizado também todos os outros sectores da população: agricultores, jovens, mulheres, reformados.

Salienta a propósito a Direcção Regional do PCP: «Os primeiros meses deste ano traduzem-se por um forte ascenso da luta popular que tem

tido na unidade e acção combativa da classe operária o seu motor e tem contado como um dos principais elementos mobilizadores a exigência da demissão deste Governo.

«A grande adesão dos trabalhadores algarvios, às Greves Gerais de 12 de Fevereiro e 11 de Maio, as manifestações de 6 de Março as greves sectoriais dos pescadores de arrasto costeiro, a luta dos trabalhadores da T. Pinto, da ORMIS, da TORRALTA, da Função Pública, e também outras são, exemplos da determinação, firmeza e combatividade que animam vastos sectores da população da região contra o Governo AD.

«As comemorações do 25 de Abril que este ano atingiram no Algarve uma elevadíssima expressão — pelo número de participantes, pela extensão das realizações e pela unidade que em muitos casos foi possível concretizar — são, conjuntamente com as manifestações do 1.º de Maio grandes momentos de unidade e luta dos trabalhadores, dos democratas e antifascistas, de grande número da população do Algarve.

«O desprezo a que foi votada pela generalidade dos eleitos nos órgãos do Poder Local e pela esmagadora maioria da população do Algarve a operação partidária, eleitoralista e demagógica do Governo sobre a «Regionalização», num Distrito onde este problema constitui uma séria aspiração das populações locais, revela bem o descrédito em que este Governo caiu.

«A elevada participação, firmeza e combatividade demonstrada na luta contra os objectivos e consequências da política desenvolvida pelo Governo AD, a exigência da sua imediata demissão, são a

demonstração clara da acentuada redução da base de apoio política e social com que no Algarve conta o Governo AD/Balsemão/F. Amalal».

### Unidade democrática

Sobre a questão da unidade dos democratas, os comunistas do Algarve têm também ideias bem definidas:

«O desenvolvimento de todas estas importantes acções de massas é caracterizado por uma forte unidade da classe operária à qual têm sido atraídos vastos sectores de trabalhadores em todo o Algarve em torno dos objectivos centrais da luta, reconhecendo nas estruturas do Movimento Sindical Unitário, do distrito a grande central sindical dos trabalhadores portugueses, a CGTP/IN.

«Tal unidade tem ainda permitido reforçar a intervenção dos trabalhadores na defesa dos direitos e conquistas adquiridos, bem como combater, isolar e desarticular o papel de amarelos e divisionistas, cada vez mais claramente ao serviço da provocação e do patronato.

«As recentes vitórias de listas unitárias nas eleições para a Hotelaria, STAL, Metalúrgicos, professores da Zona Sul, os avanços obtidos nas eleições para os Bancários, confirmam a perda de terreno e o isolamento do divisionismo.

«No Plano Político tem-se assistido ao papel dúbio, hesitante, desarticulado e mantido por conflitos, divisões e contradições internas em que se debatem muitas das estruturas do PS na região.

«É entretanto positiva e deve

ser estimulada a participação de muitos membros do PS na luta contra este Governo e esta política, os desejos que animam muitos membros do PS em ver concretizados no distrito, em torno de objectivos concretos, a unidade e a acção comum de comunistas e socialistas, e de outros democratas e antifascistas.

«A DORAL do PCP salienta mais uma vez, que bastaria a simples junção de votos de socialistas, comunistas e seus aliados, em torno de listas comuns, para afastar a AD/PSD da quase totalidade das autarquias que detêm no Algarve.»

«Todavia tal realidade não tem correspondência nos órgãos de direcção deste partido, dominado pelos esforços e orientação dirigidos por M. Soares que procura na direita alianças políticas que comprometem seriamente o futuro do regime democrático consagrado na Constituição.

«Destes facto há que tirar lições. Se por um lado continuamos e continuaremos a lutar pela concretização da unidade de todas as forças e sectores democráticos e antifascistas e designadamente de socialistas e comunistas, não silenciaremos nem deixaremos de lutar contra os compromissos e alianças políticas do PS com forças e sectores que abertamente se afirmam, pela sua política e pelos seus objectivos como forças contrárias ao 25 de Abril.»

Em jeito de conclusão, a DORAL afirma que «a continuação da luta pela demissão imediata deste Governo e pela realização de novas eleições para a AR, aparece como a única alternativa possível à defesa do regime democrático e das suas conquistas».

## O papel determinante e insubstituível do PCP

Em toda a acção de massas desenvolvida é inegável o papel determinante e insubstituível que tem assumido o Partido Comunista Português.

A assinalável presença de elevado número de assistentes às sessões e comícios realizados recentemente em Portimão, Olhão e Vila Real de Santo António, com a presença do secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, bem como em muitas outras iniciativas, demonstram o elevado interesse que anima vastos sectores da população em ouvir e discutir as propostas do PCP.

A continuidade da luta coloca às organizações do Partido múltiplas e diversificadas tarefas e entre elas a necessidade imperiosa de um Partido mais forte, mais organizado, mais interventivo, estreitamente ligado aos anseios e aspirações das populações.

Muitos e muitos trabalhadores têm-se destacado na luta. Muitos deles estão em condições de aderir ao Partido. Continuar com audácia e dinamismo a Campanha de recrutamento em curso, é uma tarefa que deve mobilizar os esforços de todas as organizações e militantes do Partido.

Em ano de eleições autárquicas e dando continuidade ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, há que

reforçar, no quadro da APU, a batalha de esclarecimento, do contacto directo com as populações, da elaboração dos programas, da concretização das listas, atraindo para elas os homens e mulheres, comunistas, membros do MDP/CDE, democratas e antifascistas sem Partido, que em melhores condições estejam para servir as populações e resolver os seus problemas.

Na diversidade e dureza da luta que nos espera, os trabalhadores, a população do Algarve, encontrarão nos comunistas e no seu Partido a clareza de objectivos, a fidelidade dos interesses do Povo e do País, a capacidade de luta e sacrifício ao serviço da defesa dos trabalhadores e do Povo.

Tal realidade coloca na ordem do dia uma outra questão central: a de que não há qualquer alternativa democrática ao actual Governo e à actual política, sem contar com a participação e o apoio dos trabalhadores e do PCP.

Lutamos e lutaremos para ver finalmente concretizada tal solução, cientes que assim contribuiremos, decididamente, para defender o regime democrático e para garantir um futuro melhor para os trabalhadores e para a nossa Pátria.

(DORAL do PCP)

## Campanha de fundos «Verão 82» na organização do Porto

Tal como em anos anteriores, também este ano vai acontecer na Organização Regional do Porto a Campanha de Fundos de Verão.

A luta intensa que temos vindo a travar desde o início do ano, e em que todo o Partido tem estado empenhado, implicou por um lado, grandes despesas extraordinárias, e por outro, uma menor atenção para o trabalho de fundos.

A situação política vai continuar a exigir uma intensa luta que naturalmente não se pode desenvolver sem dinheiro.

A situação exige portanto que haja um fundo de receitas extraordinárias e que seja reposto o equilíbrio financeiro.

Assim, para além do esforço de regularização da recolha das receitas normais do Partido, a DORP decidiu lançar a «Campanha de Fundos Verão 82»,

que decorre entre 1 de Maio e 31 de Agosto.

O primeiro passo para a concretização desta tarefa, é a discussão nas organizações da necessidade e objectivos da campanha e a definição de metas a atingir.

Estão já em distribuição nas organizações, listas e cupões para facilitar a recolha de dinheiro.

A influência do Partido tem-se alargado mais e mais, até pelo papel desempenhado nas lutas mais recentes. Por isso, há que ir colher contribuições fora do Partido. Há muitos homens e mulheres, trabalhadores, democratas, que sabem que contribuir para o Partido é ajudar a luta do povo. É preciso ir ter com eles.

Esta é a altura em que a maioria das pessoas recebem o subsídio de férias e que se torna mais fácil, apesar de mesmo as-

sim o dinheiro não ser muito, contribuir para o Partido.

Vão ser lançados também os «cartões de amigo». Há simpatizantes, amigos do Partido, que não querendo, por qualquer razão, ser militantes, dispõem-se a contribuir regularmente. Lançar os «cartões de amigo» em tempo de campanha pode ajudar a manter esta prática.

Mas as abordagens não são a única fonte de receita. As iniciativas, as festas, os convívios, se bem organizadas, podem ser um bom meio de recolha de fundos.

Há uma coisa que devemos ter em conta para que a campanha seja um êxito: Julho e Agosto, são meses de férias, em que muitos camaradas vão para fora, em que as empresas têm poucos trabalhadores. Por isso o grande esforço de recolha de fundos deve ser feito durante o mês de Junho, ou será depois



muito difícil atingir os nossos objectivos.

Para uma maior divulgação da campanha e para ajudar a emulação, sairão vários materiais de propaganda, nomeadamente o boletim da campanha e um jornal de parede.

Um trabalho por uma grande recolha de fundos!

Terra

# O baldio do povo de Routar

## Após as já realizadas outras obras se seguirão

Routar, pequena aldeia situada na freguesia de Torredeita, concelho de Viseu. Um lugar encravado na serra, igual a tantos outros no centro do País, onde vivem e trabalham cerca de 300 pessoas. Região marcada por uma agricultura de subsistência, onde o trabalho vai de sol-a-sol, as terras são desbravadas à força da junta e do arado, a máquina só agora começa a entrar.

Zona desfavorecida, votada ao desprezo e ao abandono pelo Poder Central, onde a carência de infraestruturas se faz sentir, o cacique impera e a sua voz tem força de lei, onde a muito custo vão rompendo aragens frescas do progresso.

Routar é tudo isto e é ainda, e sobretudo, um exemplo significativo de quanto valem e representam os baldios para os povos. Essas terras comunitárias, fonte de rendimento da colectividade, onde existe uma prática e uma gestão democrática.

Uma incursão pela zona seraná de Coimbra e Viseu à descoberta dessas terras usurpadas aos povos pelo fascismo,

que o 25 de Abril justamente devolveu e que hoje a "AD" pretende novamente roubar, levou-nos de passagem por Routar.

Dessa riquíssima experiência, do muito que por essas terras vimos e ouvimos daremos conta no próximo número. Entretanto, pela sua actualidade, vale a pena desde já contar alguma coisa sobre o desenvolvimento de um facto recentemente ocorrido que opôs a população da aldeia de Routar aos órgãos autárquicos. Trata-se da criminosa acção levada a cabo pela Câmara Municipal de Viseu contra uma obra erguida pelo estranho conjunto do Conselho Directivo e da população. É bem

um exemplo de até onde pode ir a acção dos caciques, representantes locais da direita instalada no Poder.

**Câmara mente**  
Mas vejamos as origens do conflito. Elas remontam à data em que o Conselho Directivo do Baldio (CDB) foi homologado, ou seja, ao momento em que a administração do baldio passou da junta de freguesia para o conselho directivo. Uma transferência que repôs legitimamente nas mãos do povo aquilo que, herdado de pais para filhos, durante muitas gerações, sempre fora pertença sua.

A este elementar acto de justiça nunca porém, o presidente da Junta, Ramiro Duarte, elemento do CDS, esteve pelos ajustos. A gestão democrática do baldio é coisa que se choca frontalmente com a própria natureza e o carácter dos partidos de direita. É um exercício inconciliável. E por isso mesmo não houve desgaste, entrave ou bloqueio que não fosse utilizado.

Esforço inglório, até que surgiu um novo pretexto contando com a cobertura do executivo camarário. A construção de um muro em que dispenderam mais

afirmou-nos, revoltado, José Correia, electricista, membro da assembleia de compartes.

Dai à destruição do muro foi um passo. Ou melhor dois, já que à primeira tentativa dos funcionários camarários se opôs prontamente e decididamente o povo de Routar. Só que da segunda vez não faltou a presença de uma força de GNR constituída por cerca de três dezenas de praças que impediu qualquer tentativa de salvar o muro.

— "Eles não têm coragem para fazer a verdade ao povo. Isto não se faz" — dizia-nos António Simões, agricultor, reformado-se aos motivos que determinaram tal comportamento da Câmara.

### Direito secular

Vem no entanto de muito longe a razão que assiste ao povo de Routar. É um direito secular que sabem ser seu e que nenhuma força repressiva pode destruir. Dai que se mostrem dispostos a reconstruir o muro tendo para o efeito, segundo decisão tomada na assembleia de compartes realizada no último domingo, solicitado um novo alinhamento à Câmara.



Nada pode justificar a acção da Câmara de Viseu. O pretexto alegado para a destruição da obra é falso. O muro erguido pelo Conselho Directivo está recuado vários metros em relação ao limite da área do baldio, assinalado pelo marco indicado na foto. Na foto de baixo, o muro destruído após a intervenção de funcionários camarários e de uma força da GNR



O dinheiro do baldio permitiu introduzir importantes melhoramentos na capela de S. Pedro

de 100 contos com o objectivo de suportar terras do baldio onde se encontra um campo de futebol e permitir ao mesmo tempo a abertura de um caminho transitável, constituiu o alibi invocado com a alegação de que o alinhamento do muro não correspondia à fronteira do baldio, isto é, fora erguido alguns metros para além da área devolvida e não fora requerida autorização para a sua construção.

— "Uma falsidade! Ao contrário nós tirámos uns metros (ver foto) ao baldio para poder ficar um caminho em condições" —

Os resultados obtidos para o bem da comunidade demonstram cabalmente a importância da gestão democrática do baldio. O povo em torno do Conselho Directivo, está unido e determinado a prosseguir a luta em defesa do baldio. Nestes curtos anos o rendimento do baldio (cerca de 300 contos anuais) é três vezes superior ao que existia quando estava na posse da Junta.

O esforço e os melhoramentos realizados são notáveis e como nos afirmou José Batista, comerciante, "só não fazemos mais por que não nos deixam". O relógio, a aparelhagem sonora e os bancos comprados com o dinheiro do baldio para a capela de S. Pedro, situada no centro da aldeia, exibidos com legítimo orgulho pelos habitantes de Routar, já estão para quem os quiser ver, espelhando aquilo que com boa gestão, com esforço e trabalho o povo é capaz de fazer.

A casa de compartes, o parque infantil e a exploração da água são entre outros, objectivos a alcançar num futuro próximo.

Assim a lei dos baldios, "lei justa e boa" como nos diziam, não seja alterada.

Pela nossa parte despedimo-nos com uma convicção: o empenhamento e disposição postos na defesa dos seus direitos, deixaram-nos a certeza de que aqueles projectos irão mesmo para a frente! E muitos outros nascerão...

# 6.ª Conferência, em Évora 2500 delegados analisarão o futuro da Reforma Agrária

Que futuro para a Reforma Agrária? Que caminho tomará o heróico proletariado agrícola do Sul, obreiro da mais bela transformação política, económica e social realizada depois do 25 de Abril? Estas, duas questões centrais a que a 6.ª Conferência da Reforma Agrária, a realizar no próximo fim-de-semana, nos pavilhões do Rossio de S. Brás, em Évora, dará uma cabal resposta.

Uma resposta que será ao mesmo tempo uma mensagem de confiança no futuro: a certeza de que — tal como sublinha um documento distribuído pela Comissão Organizadora numa conferência de imprensa ontem realizada em Lisboa — este Governo poderá ainda "cometer alguns crimes" mas "já não tem força física nem moral para destruir, nem para apresentar qualquer alternativa válida à Reforma Agrária, no quadro do regime democrático".

Preparada com intenso cuidado de forma a poder responder às dificuldades e questões mais sentidas na situação presente, a Conferência continua a mobilizar a atenção de trabalhadores e técnicos agrícolas, tendo sido recolhidos 347 inquéritos correspondentes a outras tantas UCP's representando 92 por cento da totalidade das terras da Reforma Agrária.

Esses dados, tratados por uma equipa de especialistas

e um computador, têm sido submetidos a uma profunda análise e discussão nos colectivos das UCP's/Cooperativas.

No âmbito dos trabalhos preparatórios foram ainda realizadas mais de 250 reuniões e plenários que contaram com a participação de mais de 10 mil trabalhadores agrícolas, agricultores e técnicos do Alentejo, Ribatejo, Setúbal e Lisboa.

No decorrer dos trabalhos — a que assistirão 2500 dele-

gados dos quais 20 por cento são mulheres em representação das UCP's, do sector privado, dos desempregados, dos agricultores e técnicos — serão apresentados pela Comissão Organizadora seis temas que servirão de base à discussão.

Após o plenário de abertura haverá uma intervenção inicial a cargo de António Murteira que abordará a situação presente à luz dos novos aspectos da ofensiva: a tentativa de asfixia financeira e económica através de penhora de bens das UCP's e da usurpação da cortiça, e a tentativa de leilões das terras na posse das unidades de produção.

Os diversos aspectos da ofensiva, a dívida do Estado às UCP's, a manipulação dos órgãos de comunicação social com destaque para a TV, o problema do desemprego e a política agrícola da "AD", serão outras tantas questões a desenvolver em intervenções de fundo ao longo dos trabalhos.

Como convidados, aguarda-se a presença de representantes de todos os órgãos de soberania à excepção do Governo a quem não foi dirigido nenhum convite, dos Grupos Parlamentares do PCP, PS, MDP/CDE, UEDS e ASDI, das autarquias da zona da Reforma Agrária, do Movimento Sin-

dical Unitário incluindo a CGTP e ainda diversas personalidades.

Delegações representativas do movimento cooperativo de países socialistas, de expressão portuguesa e da Europa capitalista estarão também presentes no próximo fim-de-semana em Évora.

Uma mostra de máquinas agrícolas de alguns países socialistas e uma exposição fotográfica subordinada ao tema "Da ocupação das terras à defesa da Reforma Agrária", estarão patentes ao público durante os dois dias da Conferência.

Haverá ainda dois belos espectáculos de solidariedade com a Reforma Agrária: um, no sábado, pelas 21 horas, com Carlos Paredes e Fernando Alvim, António Vitorino de Almeida e o Grupo Coral Ceifeiros de Cuba; e o outro, no domingo, às 14 horas, com a Brigada Vitor Jara, Ary dos Santos, o Grupo Coral "Os Amigos do Barreiro" e o Grupo Coral Feminino da Junta de Freguesia de Ervidel.

A antecedente do destile de máquinas engalanadas da Reforma Agrária pelas ruas de Évora haverá um grandioso comício às 15 horas, no Rossio de S. Brás, onde serão apresentadas as conclusões da Conferência.



## Poder local

# Eleições intercalares em Cesar

## • Uma tempestade num lago... sem água!

No próximo dia 6 realizam-se em César, concelho de Oliveira de Azeméis, eleições intercalares. Junta e Assembleia de Freguesia foram dissolvidas no fim do ano passado pelo MAI na sequência de uma proposta controversa (e inédita no Portugal democrático) da Assembleia Distrital de Aveiro. Simpatizantes do PCP, MDP e democratas independentes — correntes que em eleições anteriores integraram e apoiaram a agora desfeita LUC-Lista Unitária de César e em que participaram também membros do PS e até do PPD — apresentam-se agora a sufrágio pela primeira vez numa lista APU.

Sob a sigla APU, trata-se de promover a eleição de cidadãos que possam garantir ao povo de César o empenhamento na resolução dos seus problemas concretos, aspirações e necessidades mais prementes, sem os oportunismos, compadrios, deslealdades e querelas menores (e maiores...) que acabaram por dividir a população da freguesia, em torno de uma questão que dificilmente se pode considerar essencial.

No centro da controvérsia, esteve um lago (sem água) que um anterior presidente da Junta, eleito pelo PPD, quis fazer construir, primeiro para "alindar" um parque infantil cuja construção fora proposta, já em 1977, pela LUC, e depois como obra única e de fachada (eleições à vista...).

As eleições de 1979 voltam a dar a vitória ao PPD — mas o presidente é outro! E este, desavindado com os seus pares, marginalizada a LUC, decide que as obras do lago, entretanto iniciadas, devem ser arrasadas (o parque infantil, esse, fora esquecido). No Interim, caciques em acção cavando divisionismos

entre a população, com tentativas de conciliação do próprio governador civil de Aveiro pelo meio, a Assembleia Municipal de Oliveira de Azeméis decide (é ainda o PPD, ali maioritário, que o decide) que as obras devem ser retomadas. A Junta (do PPD...) não deixa — mobiliza a população para impedir que os trabalhadores camarários procedam à reconstrução. Um forte contingente da GNR é chamado para os proteger, mas as obras são definitivamente interrompidas 4 dias depois. Foi em Setembro de 81.

Inquéritos, pedidos de demissão de membros da Junta, sessões tumultuosas da Assembleia Municipal em que os moradores de César são impedidos de falar acerca do que passa a ser correntemente designado por "bidade" de César. Uma cadeia de ilegalidades é complicidade, que passa pelo PPD e o CDS de César, pelo PPD da Assembleia Municipal, pelo governador civil e pelo MAI, culminando, enfim, na dissolução da Junta de Freguesia de César nos fins do ano passado.

Um «inocente» e «lamentá-

vel» mal-entendido? Para já, nesta desavença em que a "AD" se dilgidiu, foram gastos mais de mil contos! A população de César — nem parque infantil, nem qualquer das suas muitas carências. Nem sequer o «lago seco» que, valha a verdade, para nada serviria...

E, por fim, o grande deslante: eleições marcadas para o próximo dia 6, PPD & PPD, autores de tanta façanha, apresentam-se ao eleitorado convenientemente baralhados em duas listas "AD". Uma, denominada PSD, afecta à direcção concelhia daquele partido, desavinda do seu anterior representante na direcção da Junta, o sr. Justino Rocha; e uma outra, a chamada LIC-Lista Independente (?) de César, que, nem mais nem menos, pretende reconduzir o presidente, o tesoureiro e o secretário, todos ex-eleitores PPD, agora acompanhados por uns quantos CDS e alguns integrantes da antiga LUC, na sua

maioria afectos ao PS. A LIC manifestaram já o seu apoio aos patrões das três mais importantes empresas da freguesia: a Sillamps, com 200 trabalhadores, a União Industrial César, com 250, e a Plasin, que emprega cerca de uma centena de pessoas.

Para estes trabalhadores, como para os cerca de 1700 eleitores de César, só a 3.ª lista em presença, a da APU, encabeçada por António Luis Pinho Costa, Ilídio Estrela e Leonilde Ferreira Gomes, pode evidentemente garantir que os seus problemas e os da sua terra passarão a ser encarados com responsabilidade e isenção, no diálogo franco e aberto entre todos os eleitos e com toda a comunidade, em nome desta e pela sua unidade.

Para isso, a APU precisa dos votos da população de César: do número de mandatos que obter depende a eficácia da sua participação.

# Povo de Gondomar em luta contra aumentos de água e luz

## • Presidente «AD» exonera o vereador APU

Em Setembro de 81, a Assembleia Municipal de Gondomar pronunciou-se contra quaisquer aumentos que fossem decididos sem seu consentimento. Desprezando esta decisão, o Conselho de Administração dos SMEAS de Gondomar aumentou, em mais do dobro, as tarifas de água e luz. Reuniram, em sessão pública, a Assembleia Municipal e a Câmara. Perante o povo e por proposta da APU, foi decidido suspender os aumentos. Apesar disso os Serviços Municipalizados deram início à cobrança das novas tarifas e uma semana depois, em sessão privada da Câmara, o PS tratou descaradamente o povo de Gondomar votando favoravelmente uma proposta do presidente "AD" a favor dos aumentos.

Já em princípios de 80 e em Setembro de 81 o povo de Gondomar, particularmente as mulheres, lutaram contra tais aumentos e conseguiram travá-los. Também agora, o povo de Gondomar está disposto a lutar. Representantes de comissões de mulheres, sindicatos, coope-

rativas, comissões de moradores, colectividades, convocaram para a passada terça-feira uma concentração de protesto contra os aumentos, que foi apoiada pela APU, a única força eleita para a autarquia que se mantém na defesa dos interesses da população.

Entretanto, vários democratas do concelho, incluindo muitos socialistas, subscreveram um abaixo-assinado exigindo o imediato cancelamento dos aumentos e o respeito pelo órgão máximo do concelho.

É na sequência disto, e pelo papel determinante que o vereador a tempo inteiro da APU tem desempenhado na defesa dos interesses da população, na denúncia constante da política da "AD", pelo prestígio cada vez maior que, fruto do seu trabalho, tem granjeado entre a população, que o presidente "AD" da Câmara acaba de exonerar o vereador comunista das suas funções.

O povo de Gondomar sabe que a APU estará a seu lado na luta — o povo de Gondomar não deixará passar mais esta prepotência, claramente dirigida contra os seus interesses.

# CNA analisa situação da agricultura

A análise da situação presente no sector agrícola, pecuário e florestal bem como o contributo para a procura de soluções rápidas e viáveis que ponham cobro à grave crise que atinge a lavoura, constituiu o objectivo central do debate promovido pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA) no fim de semana último, no auditório do Museu Municipal da Figueira da Foz.

Contando com a presença de agricultores e técnicos de diversos pontos do País, o Encontro iniciou os seus trabalhos com a discussão do primeiro tema proposto, "Balança alimentar e défice da balança de pagamentos"

no decorrer do qual se abordaram algumas questões como os níveis de auto-provisionamento, o peso das importações agrícolas, o desequilíbrio entre as importações e as exportações.

A formação do objectivo central do debate promovido pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA) no fim de semana último, no auditório do Museu Municipal da Figueira da Foz.

No domingo, as intervenções incidiram sobre aspectos rela-

cionados com a comercialização e preços dos produtos agrícolas, tendo os presentes sublinhado o papel do Movimento Cooperativo, assim como dos organismos de coordenação económica, e das infraestruturas, de armazenamento, frio e transporte.

No final, era opinião generalizada dos participantes a importância deste debate para o encontrar de soluções para os graves problemas que afligem os homens do campo, condição indispensável para vencer a crise e criar condições para o desenvolvimento e progresso da nossa agricultura.

## Nacional

# Reformados em defesa dos seus direitos em defesa da Constituição

Falar de pensões e reformas de miséria — sabe-o bem demais quem as recebe — não é um slogan estafado ou uma «espécie de cegarrega a que já ninguém liga», como diria o sr. Sousa Tavares (que por outro lado confessa que o seu ordenado de deputado do PPD não lhe dá nem para os almoços...). Pensões de pouco mais de 2000\$00 e reformas de 4640\$00 são vulgares para dezenas de milhares de portugueses que gastaram a vida e a saúde a trabalhar.

No entanto, apesar desta dramática situação, milhares de idosos, na sua maior parte reformados e pensionistas, congregados no MURPI, na UPPSS, em organizações locais afins, continuam a animar um vasto movimento reivindicativo que não se queda na justa luta por pensões, reformas e protecção social que lhes permitam, por um lado, viver, por outro os seus compromissos de contribuição que, enquanto trabalhadores activos, deram à sociedade; os seus movimentos, encontros e tomadas de posição têm um constante sentido de defesa da democracia e das liberdades em que tantos deles só puderam reconhecer-se quando a Revolução de Abril prometeu (e começou por cumprir) o respeito e a dignificação, a melhoria das condições de vida de todos os portugueses — também dos reformados.

Têm razão, os reformados, quando numa recente declaração da União dos Pensionistas da Previdência e Segurança Social de Lisboa lembram que «depois dos governos do General Vasco Gonçalves têm sido enganados», e denunciam, o actual Governo AD, que nas suas campanhas eleitorais fez promessas que está mais que provado gram só para caçar votos: «as pensões para os idosos e reformados são pequenas, os atrasos para efeito de reforma são insuportáveis, 15 meses e mais, os 95 concelhos não dispõem de qualquer lar e os que funcionam, não têm qualquer qualidade»; o Governo AD, que mentrosamente prometeu «ajustar as pensões de reforma

de acordo com o aumento do custo de vida»; que prometeu «integrar, sempre que possível, na estrutura e serviços de apoio à população em geral os específicos para a 3.ª idade, a fim de evitar a sua marginalização e dinamizar a sua participação»; que prometeu «apoiar a instalação de centros da terceira idade»...

Em vez de tudo isto que prometeu, o Governo o que fez aprovar pela sua maioria na Assembleia da República foram «medidas gravosas como os aumentos das taxas moderadoras, os 2500 por cada embalagem de medicamentos». Ou «comermos e não pagamos remédios — diz a UPPSS — ou pagamos remédios e não almoçamos». Esta declaração, aprovada por aclamação num encontro de reformados realizado no seu Centro de Dia de Lisboa, à Alameda D. Afonso Henriques, consta de uma carta enviada ao Presidente da República, na qual se pede também que seja dissolvida a Polícia de Intervenção, porque as atitudes assumidas por essa força policial «são contrárias à nossa Constituição, ao direito que cada cidadão tem de liberdade e reunião» no Portugal de Abril.

### Respeitar a Constituição

Também o MURPI, através de uma moção aprovada por reformados, pensionistas e idosos que no passado dia 15 se reuniram no Centro Social de Comércio, condena «qualquer tentativa de revisão da Constituição que pretenda alterar o sentido e o carácter das instituições do re-

gime democrático» e exige que sejam respeitados os princípios fundamentais da Constituição da República de 1976, particularmente no que toca «à definição da República Portuguesa como consta do Art.º 2.º; aos direitos e deveres fundamentais; aos direitos e deveres económicos, sociais e culturais; à organização económico-social da República Portuguesa; à organização do poder político; às competências civis e militares do Presidente da República; à composição do Tribunal Constitucional, de modo a garantir a sua total independência do Governo e da maioria parlamentar; à dupla dependência política do Governo do Presidente da República e da Assembleia da República; ao Poder Local».

### 4.º Aniversário da URPICA

É a União de Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almada — quatro anos de actividade em defesa dos direitos dos seus associados e dos direitos de todo o povo trabalhador — «os que vêm do passado, os que caminham para o futuro» —, cujos destinos a URPICA jamais dissociou.

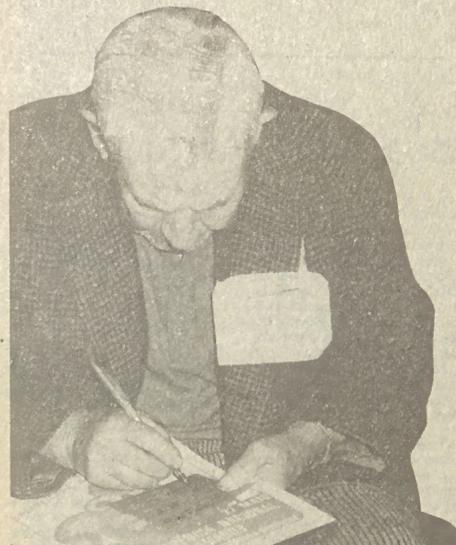
Por isso, a sessão solene comemorativa da sua fundação que a URPICA promoveu no Clube Recreativo Pídense foi, afinal, a homenagem que as (agora, sim!) «forças vivas» do seu Concelho quiseram prestar à sua acção em defesa da Revolução de Abril, à sua nunca desmorrecida actividade, à ajuda preciosa que os seus aderentes prestam às diversas frentes do

trabalho das organizações democráticas e do Poder Local democrático.

Nas várias intervenções, para além das palavras de saudação e apreço, a referência constante à grave situação em que vive a maioria dos reformados, o desprezo que a AD lhes vota, «a fome que muitos vão já passando». Mas da URPICA, pela voz do seu presidente, Joaquim Ganhaço, na história de 4 anos de trabalho e de crescimento, veio a afirmação de confiança, a expansão da URPICA nas várias localidades do concelho de Almada, com particularização no Laranjeiro, onde já existe um centro de convívio, do Feijó, das Barrocas.

Quem pode ficar indiferente? Não é só o dever moral de apoiar a luta para que estes portugueses tenham uma velhice mais feliz: quem de nós, comunistas, democratas, pode pensar que a batalha pela felicidade dos nossos filhos pode ser vencida sem que antes tenhamos travado — e vencido — a luta pela felicidade dos nossos «mais velhos»?

Foi este o apelo que transbordou da sala do Pídense.



Os reformados organizados nas suas associações dão uma contribuição valiosa à luta por pensões e reformas compatíveis com o custo de vida e pela protecção social que a sociedade lhes deve

DO SOCIALISMO UTÓPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO Friedrich Engels. Obra clássica que explica quais foram as premissas do aparecimento do socialismo científico. BIBLIOTECA DO MARXISMO-LENINISMO. edições Avante!

# Festa do Avante!



A chegada ao recinto já com grupos de trabalho formados facilita as coisas e aumenta naturalmente a rentabilidade; na foto camaradas que vieram do Alentejo

## Atenção às jornadas de trabalho!

Neste último fim-de-semana foram ao Alto da Ajuda 377 camaradas dar o seu contributo voluntário para o erguer da Festa. Vindos de diversos sectores da DORL e da DORS e também da DORA, todos se aplicaram no esforço conjunto de erguer a grande realização do PCP que a 2 de Julho próximo abrirá as suas portas a centenas de milhar de visitantes.

De destacar mais uma vez a presença dos camaradas do Alentejo. Nem mais nem menos que **quarenta** (40) vindos no sábado, de Mora, 22 de Montemor, 15 de Ervidel e um de Évora. A merecer também referência

uma equipa de 53 formada na Amadora e os 60 que se mobilizaram a nível do Comité Local de Lisboa, que apareceram no domingo para uma rija sessão de trabalho. É justo destacar estes

camaradas e estas organizações pela resposta que estão a dar às necessidades que se colocam neste momento; a sua presença organizada é de facto o "lamié" da construção da Festa — é urgente ir ao Alto da Ajuda e fazê-lo em equipa, em grupo, o que facilita a organização das (muitas) tarefas que há para cumprir. E insistimos na **necessidade** de se começar a encarar seriamente a organização de jornadas de trabalho depois da saída das fábricas. As organizações do

Partido têm papel fundamental na concretização de tais jornadas, em particular a DORL e a DORS, a quem se apela para discutir o mais depressa possível esta questão. Há muito para fazer e algumas coisas, como é normal, têm a sua margem de atraso a que importa responder rapidamente — isto para não se afunilar excessivamente o trabalho nos últimos dias, o que causa sempre grandes transtornos e sobrecarrega injustamente os camaradas

mais directamente ligados ao erguer da Festa. Ir à Ajuda, camaradas, é uma tarefa central a que neste momento importa dar a devida importância. Para que a Festa do "Avante!" continue, de ano para ano, a ser **mais e melhor**, como todos, com justificado orgulho, reconhecemos e afirmamos. Entretanto informamos que a partir do próximo dia 1 de Junho entra em funcionamento o acampamento no recinto da Festa, para os camaradas que ali trabalham.

Pois é! Milhares de tubos, toneladas de placas de material avulso, tudo isto faz parte da Festa — dá-lhe corpo e forma, está lá todos os anos quando transpomos os portões e partimos ao encontro do grande encontro anual dos comunistas e democratas do nosso País: a Festa do "Avante!"

E já lá está, no Alto da Ajuda, todo esse material, como se pode ver pelas fotografias tiradas de fresco e que mostram com que linhas se cose a nossa Festa; mas que não mostram ainda a Festa — falta-lhes uma evidente lógica interna, uma arrumação que identifique...

Uma arrumação que erga, construa, alinhe e remate o perfil definitivo. Uma arrumação que urge, agora e

**mesmo agora**, porque depois a festa é outra... Faltam cinco semanas, há muito para fazer nestas cinco semanas, e **tem mesmo de ser feito nestas cinco semanas!** É verdade que a Festa jamais deixará de se erguer — somos muitos e somos sobretudo comunistas; é verdade que na data prevista e à hora aprazada se abrirão os portões da Festa para a oferecer com o brilho, alegria e eficácia de sempre — somos, nela e com ela, a manifestação inequívoca da capacidade criadora das massas.

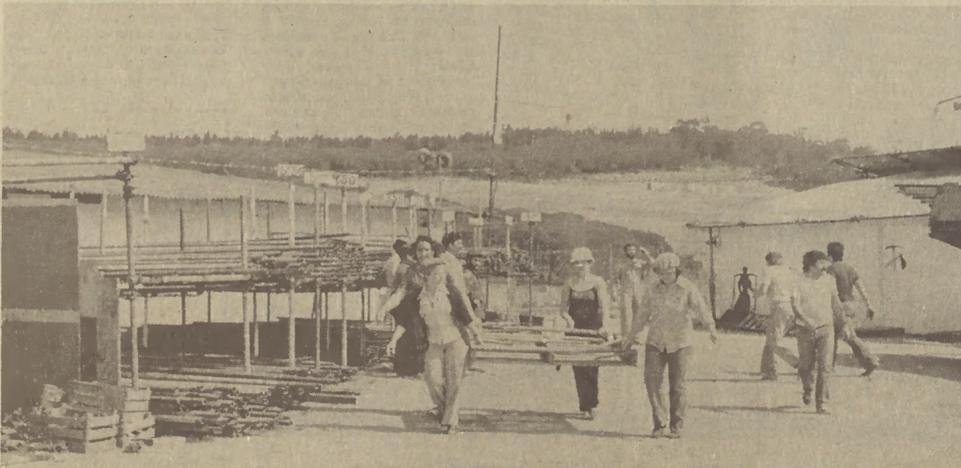
Mas também é verdade que não podemos descansar nisso — é sobretudo verdade que a presença de **cada um de nós**, por breve que seja, vem adiantar o trabalho, ajudar nas metas, facilitar as tarefas, construir a Festa.

Todos sabemos que o trabalho voluntário é um dos pilares em que assenta cada edição da Festa do "Avante!"; é ele que em certa medida define esta grande realização anual do PCP, no que ela significa de capacidade de organização, dinamismo, e generosidade. Mas urge não descansarmos na convicção de que "vão lá aparecer muitos" — e por isso faltamos nós — ou argumentarmos "que vou para lá fazer sozinho?" — e depois fazemos mesmo falta...

Há que erguer a Festa! Todos ao Alto da Ajuda!

## Tudo isto espera por nós!

Milhares de tubos, toneladas de placas e material avulso, tudo isto faz parte da Festa... mas falta-lhes ainda uma evidente lógica interna, uma arrumação que identifique!



## Como vamos de EPs?

A Festa está à porta e continua a colocar-se a questão da venda das EPs. Sim, já sabemos que se venderão como sempre; então no próprio dia da abertura vai ser (também como sempre) um ver se te avias, com bichas monumentais e muitos de novo a pensar: "mas porque não me despachei mais cedo?"

Pois teria sido mesmo útil para todos que todos se despachassem cedo na aquisição do bilhete! Do ponto de vista da comissão organizadora da Festa as razões são óbvias e sobejamente conhecidas: há que realizar dinheiro antes da Festa abrir, porque as despesas engrossam exactamente antes da Festa abrir! Quanto aos utentes, comprando a tempo e horas, poupam maçadas e... habilitam-se a mais prémios a sair nos sorteios.

Camaradas e amigos, vamos lá adquirir já a EP! Entretanto é a seguinte a lista de prémios para o 2.º sorteio de EPs da Festa "Avante!"/82, a realizar na SFUAP na Cova da Piedade, no final do Festival da Canção Juvenil:

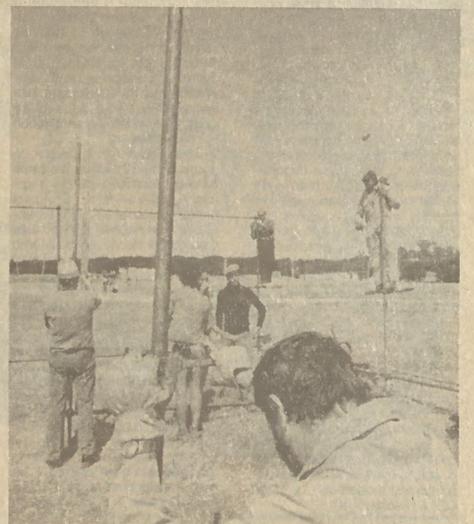
- 1.º — 1 motorizada Casal
- 2.º — 1 bicicleta
- 3.º — 1 tenda canadiana
- 4.º — 1 saco cama para campismo
- 5.º — 1 máquina eléctrica para café
- 6.º —
- 7.º — livros da "Caminho"
- 8.º — no valor de 1000\$00
- 9.º — cada prémio
- 10.º —



Carpinteiros, precisam-se!

## Profissões urgentes

"Carpinteiros precisam-se" — eis o que poderíamos anunciar com carácter de urgência para a nossa Festa. E são mesmo precisos carpinteiros!!! Madeira é o que não falta, obras a fazer com a dita são mesmo "a dar com um pau" e carpinteiros... precisam-se! Mas há outros profissionais que se estão a tornar mais necessários no Alto da Ajuda: motoristas a tempo inteiro, electricistas, montadores de andaimes, canalizadores. Trata-se de um apelo a "especialistas", pois há certas coisas que só mesmo eles podem resolver. É



... Assim como são necessários montadores de andaime, motoristas, electricistas e canalizadores

óbvio que a nossa Festa tem montes de "coisas dessas" para resolver — daí a necessidade de nos dirigirmos

directamente aos camaradas destas profissões. Aqui fica o apelo. Ficamos à espera, camaradas!

Internacional

Espanha

O que vale o voto popular?

As eleições em Andaluzia foram consideradas a partida um teste - na vida política espanhola - pela própria União do Centro Democrático (UCD). O teste já está concluído, os resultados estão à vista: maioria absoluta para o PSOE (Partido Socialista), assinalável perda de posições por parte da UCD...

O teste das eleições na Andaluzia assume um carácter relativamente nacional. Por um lado está a maior região de Espanha. Por outro é uma zona em que os problemas - graves - que se vivem à escala nacional, surgem com particular acuidade...

Na Galiza onde anteriormente se tinham realizado as primeiras eleições de uma região autónoma, a UCD perdera igualmente votos. Mas então para a direita, para a organização franquista "Aliança Popular", o que por um lado testemunha que a direita...

Quando as forças que vão apoiando o actual governo e a actual política - se dúvidas houvesse, mais uma vez o exemplo de Andaluzia é esclarecedor. Na multiplicação de ilegalidades, durante o período eleitoral, tendentes a dar a pulso uma vitória à UCD, destacaram-se particularmente organizações como a Confederação Espanhola de Organizações Empresariais (que reúne o patronato) e a Confederação Espanhola de Centros de Ensino...

Podemos manifestações contra a corrida aos armamentos e em particular contra a entrada da Espanha na NATO, realizaram-se no país ao longo destes meses. O Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) entregou ao governo um abaixo-assinado com 600 mil assinaturas, exigindo a realização de um referendo sobre a entrada na NATO...

NATO e golpistas dois casos esclarecedores

O mês de Junho abre para os espanhóis de forma bem significativa. Prevê-se que a admissão da Espanha na NATO se deverá concretizar dia 2. Quase simultaneamente - na primeira semana do próximo mês - deverá ser lida a sentença dos golpistas do 23 de Fevereiro.

Podemos manifestações contra a corrida aos armamentos e em particular contra a entrada da Espanha na NATO, realizaram-se no país ao longo destes meses. O Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) entregou ao governo um abaixo-assinado com 600 mil assinaturas, exigindo a realização de um referendo sobre a entrada na NATO...

A perda de posições da UCD não surpreende ninguém. Como a ninguém pode surpreender a alternativa aberta de uma ainda mais acentuada viragem à direita da política nacional. Não são complexas as razões. A UCD está dividida - a saída de deputados do grupo parlamentar do partido governamental espanhol, (em Janeiro deste ano), deixou o governo numa difícil situação...

Jugoslávia

Congresso da Liga dos Comunistas reúne em Junho

Aproxima-se a data - está marcada para o próximo mês - do 12.º Congresso da Liga dos Comunistas da Jugoslávia. Belgrado assistirá, de 26 a 29 de Junho, às actividades dos 1800 delegados que, como de quatro em quatro anos acontece, vão discutir os principais problemas do país. Há vários meses que as discussões preparatórias começaram, assim como todo o processo eleitoral que culmina no Congresso.

Como é a Jugoslávia de hoje cujos problemas estão em questão? O pós guerra encontrou este país com um nível extremamente baixo se comparado com o dos países industrializados. Logo a seguir, porém, elevou-se a sua taxa de crescimento.

O desenvolvimento rápido da indústria de transformação e de produção de bens de consumo corrente abriu a possibilidade de criação de novos empregos e, simultaneamente, de responder às necessidades dos consumidores. Por outro lado, a importação de matérias-primas e de tecnologia, necessárias a esse mesmo crescimento, e os empréstimos necessários para a cobertura das necessidades internas criaram um endividamento pesado que, no ano passado, se situava em 18,3 bilhões de dólares a médio e longo prazo.

É dada hoje uma importância primordial à reestruturação da indústria. Face a uma difícil penetração no mercado internacional - não só porque os custos de produção são elevados, mas porque a crise do mundo capitalista também se reflecte, numa economia abalada pela alta dos preços do petróleo e pelo encarecimento de equipamentos modernos - a situação é preocupante.

6,2 milhões de famílias. 87% dispõem de um frigorífico (1 por 2 000 em 1955); 72% de um televisor; 68% de máquina de lavar. Consome-se cinquenta vezes mais electricidade e quatro vezes mais carne que em 1955. 62% vivem na sua própria casa; 10% no seu próprio apartamento; 24% em apartamentos do sector social; 4% em casa alugada. Uma família em cada vinte possui residência secundária. O parque automóvel conta em média com um carro por cada dez habitantes. Em fins de Setembro de 1981, as contas de poupança particulares totalizavam 11 750 bilhões de dólares, 60% dos quais em divisas estrangeiras.

concretização - as organizações sindicais do país: as Comissões Operárias e a Confederação Geral dos Trabalhadores. O Comité Executivo das Comissões Operárias aprovou uma declaração em que salientava que o intensivo rearmamento resultante da adesão à NATO viria devorar enormes verbas, que poderiam ser utilizadas para liquidar o desemprego e superar a crise económica. Diversas sondagens à opinião pública atestaram a oposição popular a um projecto que só favorece a NATO e constitui um passo perigoso na tensa situação internacional, ao provocar um desequilíbrio do balanço das forças no continente.

A direita instalada no poder decidiu contra a vontade do povo espanhol. Ignorando a trémula unidade da CEE e mais ainda o peso dos EUA na sua «coudade» - a América Latina. Uma guerra pelo petróleo, e também pela manutenção de governos crescentemente contestados, por posições estratégicas.

Da complexidade da batalha que neste momento se trava no Atlântico Sul, dois factos importantes destacam neste momento. Um que nos diz directamente respeito a nós, portugueses. Outro que se refere à questão vital da nossa época - a paz mundial.

Mas está vivo, não só sob formas clandestinas. E isso ressalta particularmente no julgamento - ainda em curso - dos golpistas. A primeira decisão importante tomada pelo tribunal militar que julga os golpistas foi a expulsão dos jornalistas do "Diário 16" a pedido e com o aplauso dos réus. Entretanto a imprensa espanhola assinalava que o julgamento se estava a transformar num verdadeiro comício fascista. Com a aquiescência dos juizes militares.

Também juizes militares, em 1978, facultaram a rápida libertação de Tejero. As consequências são conhecidas. E agora - voltarão a abrir-se as portas aos golpistas?

A cidade de Madrid tem cerca de 3 milhões de habitantes. O protesto massivo contra os golpistas, em defesa da Constituição, reuniu nas ruas da capital espanhola um milhão e meio de pessoas - ou seja, metade da sua população. É difícil conceber mais clara expressão de repúdio popular do fascismo. A verdade entretanto é que, tal como em relação à NATO, tal como em relação à composição política do poder central - a vontade do povo espanhol é ignorada. Ou pelo menos faz-se por isso. Porque a força que abriu a possibilidade de novos caminhos para a Espanha, em 75, contra a vontade do aparelho fascista, saberá impedir que tal possibilidade se volte a fechar.

Malvinas

Preocupações que a guerra impõe

A guerra aí está - como desde o início foi ameaça e pretensão do governo de Thatcher, e seguimento lógico da sua política colonialista - transformando o Atlântico Sul em sorvedouro de vidas e muito particularmente num novo e perigoso foco de tensão a nível mundial. A confirmar uma vez mais que é política do imperialismo, não só não desenvolver esforços para evitar conflitos, nomeadamente armados, mas bem pelo contrário alimentá-los e até quando possível inventá-los.

A guerra com armas, somase a guerra de comunicados e propaganda, tornando ilegível para quem quer que seja, a evolução do confronto. O que aliás não será o mais importante - porque não é simplesmente a batalha naval que se joga no Atlântico Sul.

Trava-se com armas uma multifórmula batalha política, onde estão em causa o governo conservador da Grã-Bretanha, como a Junta de direita da Argentina. Onde está em causa a trémula unidade da CEE e mais ainda o peso dos EUA na sua «coudade» - a América Latina. Uma guerra pelo petróleo, e também pela manutenção de governos crescentemente contestados, por posições estratégicas.

Da complexidade da batalha que neste momento se trava no Atlântico Sul, dois factos importantes destacam neste momento. Um que nos diz directamente respeito a nós, portugueses. Outro que se refere à questão vital da nossa época - a paz mundial.



A batalha pela Paz continua. Em Portugal também



renovação - Congresso que será o primeiro a reunir na ausência do marechal Tito, cuja figura influenciou determinante a História das últimas décadas do país.

Napalm sobre Angola

Namíbia, a guerra fomentada em Pretória e Washington

Tal como em Agosto de 1981, bombas napalm foram lançadas pela aviação sul-africana sobre território angolano. Foi bombardeada a povoação de Cahama, na província do Cunene, e as localidades de Jamba, Mulundo e Kuvango. Em Mulundo, as bombas queimaram o solo por mais de 48 horas. Como sempre, o maior número de vítimas foi entre a população civil - cerca de 95 por cento do total. Uma vez mais os alvos das agressões racistas foram os centros económicos das províncias de Huíla e Cunene.

Estes bombardeamentos de território angolano pela África do Sul não são, como todos sabemos, um facto novo. Mantêm-se a ocupação pelos racistas de uma parcela de terra angolana, na fronteira com a Namíbia. Segundo um relatório das Nações Unidas, elaborado na base de observações directas de uma sua delegação, os prejuízos materiais causados pelos ataques sul-africanos, entre 1975 e 1980, somam 490 milhões de contos. Isto sem contar com os reflexos materiais, sociais, humanos desta situação - os mortos, a deslocação de populações inteiras, as perdas económicas a médio e longo prazo, o desemprego, o problema da habitação e abastecimento, graves questões como a dos órfãos ou dos deficientes.

Surge entretanto como uma nova escalada, com que se pretende continuar a levantar sérios obstáculos à solução do problema da Namíbia. Isto num momento em que por parte da SWAPO, movimento de libertação de 1800 ou 1500 metros de altitude, para evitar ser alvo de uma artilharia anti-aérea. De par com a actividade militar a SWAPO desenvolve ampla actividade a nível político internacional. Já em Maio, em comunicado de resposta ao «Grupo de Contacto», a SWAPO considera que «a via mais correcta para o desbloqueamento das negociações é considerar-se seriamente a constitutiva proposta da SWAPO de realização, sob os auspícios das Nações Unidas, de uma nova conferência do tipo da de Genebra (Janeiro 1981), no decurso da qual seriam examinadas sugestões de todas as partes envolvidas no complexo problema namibiano», relembrando que a resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU continua a ser a única via aceitável.

No seu comunicado referente à actividade militar na Namíbia, a SWAPO denuncia a política agressiva norte-americana, que encoraja a clique Botha-Malan a prosseguir a ocupação ilegal da Namíbia, como o grande responsável do arrastamento do próprio problema da Namíbia. É sem dúvida na política do imperialismo que há que procurar as razões de fundo da manutenção de uma situação de tensão e arbitrio no sul de África, as razões de fundo das sistemáticas agressões à República Popular de Angola.

que o sr. Luns não tem - ou não deveria ter - nada a ver com a política externa portuguesa. Pelo que o menos que se pode dizer da sua opinião é que não é bem-vinda, e profundamente impertinente.

Mas o comentário do sr. Luns não surge por acaso. Em primeiro lugar gente da NATO, como da Casa Branca, sabe, por experiência própria, que com este Governo pode a vontade pronunciar-se abertamente quanto a decisões políticas que só ao povo português diriam respeito. Ou seja - aqui a ingerência pode ser aberta. Em segundo lugar, o sr. Luns sabe com o que conta. E não só já se registara casos de apoio a aviões ingleses que se dirigiram para as Malvinas, como é fora de dúvida que o Governo AD se dispôs a apoiar a Grã-Bretanha no seu empreendimento colonialista e belicista, sem ter na mais pequena conta a opinião de um povo cujos interesses diz reflectir...

De pouco valem os arroubos de pretenso patriotismo, com a proibição de aterragem de aviões dos EUA na base das Lajes. O que aliás - logicamente - foi aceite com a maior «compreensão» pelos Estados Unidos como pela NATO. Ali jogam-se simplesmente «contrapartidas». Aliás simultaneamente teve-se o cuidado de esclarecer que não se trata de «uma manifestação de hostilidade contra os Estados Unidos» e que esta recusa «não terá de ser necessariamente assumida em relação a outros pedidos».

Luta pela Paz

O Salt-1 foi há dez anos

Fez ontem dez anos que, em Moscovo, a União Soviética e os Estados Unidos assinaram o Tratado sobre a limitação dos sistemas de defesa antimísseis e o acordo provisório sobre a limitação dos armamentos estratégicos ofensivos. No dia 26 de Maio de 1972, o SALT-1, é assinado no termo de conversações consideradas ponto culminante no positivo processo de desanuviamento iniciado na década de 60, e que então pôs termo ao período da «guerra-fria».

Logo em Novembro de 1972, iniciaram-se as conversações SALT-2. O objectivo: enquadrar de forma crescente o conjunto dos armamentos estratégicos e renovar, sob outra forma, aprofundada, o SALT-1, cuja vigência seria, inicialmente, de cinco anos. Em Novembro de 1974, Leonid Brejnev, secretário-geral do CC do PCUS, e o então presidente norte-americano Gerald Ford, tiveram um importante encontro em Vladivostok. Ali foram delineadas as linhas fundamentais do futuro tratado e definidos os elementos das forças estratégicas a serem sujeitos a limitações, que incluía, não só mísseis balísticos intercontinentais e a bordo de submarinos, como no anterior acordo, mas também forças aéreas estratégicas e mísseis «ar-terra». Em 18 de Julho de 1979 o SALT-2 é assinado. Seis anos de difíceis conversações, mas que culminavam com o expresse reconhecimento da paridade de potencial militar e da necessidade de manter tal paridade, reduzindo simultaneamente os níveis de armamento, a começar pelos que representam um maior perigo para a Humanidade.

O SALT-2 não foi ratificado pelos Estados Unidos. Não, naturalmente, porque se tenha registado qualquer alteração no equilíbrio militar de forças a nível mundial, não para esconjurarmos o perigo da famosa «ameaça soviética». Mas muito simplesmente porque a sua ratificação contrariava os projectos armamentistas do Pentágono, a orientação de política externa da Casa Branca, virada para a agudização da tensão internacional, ambiente propício para obscuras manobras, em nome de «interesses vitais», contra a luta libertadora dos povos.

Dez anos volvidos sobre a assinatura do SALT-1, a União Soviética prossegue a sua incansável política de paz. No Apelo do CC do PCUS por ocasião deste último 1.º de Maio, afirma-se: «Povos do Mundo, oponham uma resistência resoluta às manobras agressivas do imperialismo, do militarismo e do revanchismo! Vamos dominar a corrida aos armamentos, vamos aprofundar o desanuviamento e destruir a ameaça de guerra!». Ao discursar na sessão de abertura do XIX Congresso do Kom-somol leninista, Leonid Brejnev realçou a disposição da União Soviética de congelar no plano quantitativo e limitar no qualitativo, os armamentos estratégicos.

Chama Olímpica da Paz em Portugal

Por iniciativa do Comité Grego da Paz, e o apoio do Movimento da Paz em vários países, partiu dia 15 de Maio da Grécia, com destino a Nova York, a chama olímpica da Paz, que entretanto percorreu a Jugoslávia, Itália, França, Espanha. Dia 30 de Maio a chama olímpica da Paz chega a Portugal, onde ficará até 3 de Junho, seguindo posteriormente para o Canadá e para Nova York, onde estará presente à abertura da 2.ª Assembleia Geral da ONU sobre o desarmamento, dia 7 de Junho.

Em Portugal, a passagem da chama da Paz dá lugar a diversas realizações, organizadas pela iniciativa do Conselho Português para a Paz, o Movimento Não às Armas Nucleares, a Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas, contando com o apoio de numerosas estruturas populares.

É este o programa: 30/5 - Chegada ao aeroporto, a chama olímpica deverá ser conduzida até à Associação dos Deficientes das Forças Armadas, por estafeta, o atleta Armando Aldegale, acompanhado por um grupo de cerca de 100 jovens atletas de vários clubes. As 17,30, festival de ginástica nos Restauradores. As 19, recepção na Associação dos Deficientes das Forças Armadas. 31/5 - 13 horas, no Centro Social dos Trabalhadores do Comércio, no Rossio, debate sobre a Paz e o Desarmamento. Das 17 às 20 horas, no Rossio, a juventude vai distribuir propaganda, decorar o largo e pintar um painel alusivo à Paz. 1/6 - A chama da Paz partirá para o distrito de Setúbal. Duas estafetas, que sairão de Almada e do Barreiro, deverão juntar-se às 13 horas em Setúbal onde se realizará um convívio dos atletas com as crianças que comemoram o seu dia. Iniciativa que conta com a colaboração das autarquias e das colectividades do distrito. A chama da Paz segue depois para Sines, onde será recebida às 17 horas. As 18,30 estará no Cacém, e às 21 horas em Grândola. 2/6 - As 10 horas a chama da Paz é recebida em Alcaçor do Sal, às 17 horas em Porto Alto, passando por Vila Franca e depois por Loures, com a participação de dezenas de jovens atletas das colectividades locais. As 21 horas realiza-se no Coliseu, em Lisboa, um espectáculo cultural com a participação de Carlos Mendes, Victorino de Almeida, Carlos Paredes e os Trovante.

